



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

HÉLIO WANDERLEY UCHÔA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de história

Entrevistado – Hélio Wanderley Uchôa (HU)

Entrevistadores – Maria Cristina Fonseca (CF), Verônica Brito (VB) e Paulo Elian dos Santos (PE)

Data – 18/11/2003 e 25/11/2003

Duração – 2h49min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

UCHÔA, Hélio Wanderley. *Hélio Wanderley Uchôa. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 66p.

Data: 18/11/2003

Fita 1 - Lado A

CF – 18 de novembro de 2003, vamos iniciar a entrevista com o dr. Hélio Wanderley Uchôa para o projeto sobre a história dos 50 anos da ENSP na presença dos pesquisadores Cristina Fonseca, Verônica Brito e Paulo Elian. Você queria alguma coisa, Verônica? Falar da hora, registrar o horário? São 10 e 25. Tá bom? Bom, a gente podia começar, dr. Hélio, retomando um pouco, começando um pouco falando da sua família, né, onde o senhor nasceu... quer dizer, onde o senhor passou a sua infância... Uma coisa rápida, só pra a gente poder situar um pouco da sua história.

HU – Tá certo. Bom, eu nasci na cidade de Maceió. Minha mãe era Ana Wanderley Uchôa, do lar, ela só se preocupava com a família, com o lar e etc. e o meu pai era ferroviário, né? Ele trabalhava na antiga rede ferroviária lá do Nordeste que pertencia a um grupo inglês: (??Brazil?), era o nome da empresa. Eu passei a minha infância no interior do estado, né, dada à condição dele de ferroviário que de vez em quando se mudava que ele tinha que seguir, né? Mas...

CF – O senhor tinha irmãos...?

HU – Tinha duas irmãs e um irmão. As duas irmãs, elas também, uma se casou, se tornou do lar, né, e a outra ficou solteirona até hoje e tal, né, sempre envolvida com as coisas do lar, etc. E o meu irmão, ele trabalhou também num serviço público, no Instituto do Açúcar e do Alcool, né, lá em Maceió, depois ele veio aqui para o Rio, formou-se em Direito lá em Maceió, mas não exerceu a profissão porque ele tinha as suas atividades em tempo integral no Instituto onde ele fez toda a sua carreira, depois se tornou fazendeiro. Recentemente ele vendeu tudo que tinha aqui no Rio: fazenda, apartamento e etc. e voltou pra Maceió. E hoje ele está envolvido com uma empresa de construção, né? E...

CF – A sua família sempre ficou lá?

HU – Sempre ficou lá.

CF – Seu pai, sua mãe, sempre moraram...?

HU – Pai, mãe e só esse irmão que veio pra cá e encontrei aqui dois tios, né, aqui no Rio. Um por parte da mãe e outro por parte de meu pai.

CF – E aí como é que foi sua infância, dr. Hélio?...

HU – A minha infância foi muito boa! O que é uma infância de liberdade, né?! Quer dizer, eu morava num lugar pequeno, todos se conheciam, não é? A dificuldade da minha infância

foi na questão da Educação, né? Porque naquele tempo, no interior, não existia uma escola estruturada, regular, né?

CF – O senhor nasceu em que ano? Desculpe...

HU – 1925, né? Então eu fiz até... vamos dizer assim, um certo tempo, né, quer dizer, estudei com professora particular. Agora, naquela época no interior do estado de Alagoas, uma professora que hoje seria (*ri*) semi-analfabeta, sei lá, né? Depois eu tive que ir para União dos Palmares, né, que vocês já devem ter ouvido falar nessa cidade por causa da... do movimento, né, do Quilombo dos Palmares, né, onde fica a Serra da (*Barriga?*) e lá foi que eu completei o meu curso primário. Completado o curso primário eu fui pra Maceió e fiz o ginásio, né, no Liceu Alagoano.

PE – Era uma escola particular?

HU – Não, era do estado. Era Liceu Alagoano. Colégio Estadual.

CF – Mas depois disso, o senhor...?

HU – Aí, acontece que a minha grande... vamos dizer assim...

CF – A sua família toda foi pra Maceió nessa época, dr. Hélio, ou não...?

HU – Não, eu... a minha família ficou no interior, os meus pais ficaram no interior. Eu ia segunda-feira pra Maceió e passava a semana na casa de uma tia. Depois voltava na sexta-feira, ia de trem. Naquela época funcionava bem...

CF – Como era o nome da cidade onde seus pais moravam, onde o senhor nasceu mesmo?

HU – Não, eu nasci em Maceió.

CF – O senhor nasceu, mas aí o senhor foi morar...

HU – Depois nós fomos morar em Fernão Velho. Depois de Fernão Velho fomos para Barra do Canhoto, hoje é José Cavalcanti, que é um distrito de União dos Palmares, Barra do Canhoto. Lá em Barra do Canhoto eu vivi alguns anos, inclusive nessa época que eu comecei a fazer o ginásio, eu morava, quer dizer, minha família morava em Barra do Canhoto. Ficava três horas de trem, de Barra até Maceió. Hoje você faz em uma hora de carro, né? Eu então ficava, saía segunda-feira e voltava na sexta-feira. A minha...

CF – Aí o senhor ficou nisso durante, quer dizer, depois do ginásio, o que seria o ginásio, não é isso? Secundário, curso secundário...

HU – Não... o curso, não, primeiro seria o 2º grau, primeiro ginásio e depois científico, entendeu?

CF – E aí quando o senhor concluiu esse curso, o 2º grau, aí já estava na época de ingressar na universidade...

HU – Pois é, mas a minha aspiração de vida era ser militar. Aí tem uma história longa, né? Quer dizer, eu aí, então resolvi entrar no Exército como voluntário. Aí minha mãe foi contra, né? “Ah, não quero o meu filho...!” Nessa época ela já estava morando em Maceió, entendeu? Aí ela queria que eu fosse (*ri*) funcionário do Banco do Brasil, porque não ia sair lá de Maceió, né?

CF – Se preparar pra fazer concurso...

HU – Concurso e tal... Olha... Mas depois ela viu que eu fiquei muito triste, etc., que cedeu. Disse: “Então você quer seguir a carreira militar, então vai embora.” Aí eu – não tinha ninguém que me orientasse assim pra o que fazer, tudo era decidido por mim – aí resolvi entrar voluntário no Exército, durante a II Guerra Mundial, quando todo mundo estava fugindo, aí eu vou para...

CF – É... Que ano foi isso?

HU – Hum?

CF – Que ano?

PE – 45. A II Guerra foi em 40 e...

HU – 40 e...

CF – A guerra começou em 1939, né?...

HU – É, mas foi em 40... deve ter sido por volta de 40, por aí assim, 39...

CF – A guerra começou em 39, mas aí o Brasil também vai se envolver mais tarde...

HU – Então deve ter sido mais pra o meio. Deve ter sido em 42... nessa fase aí, né? E eu fui para o Exército lá em Maceió... Uma semana depois fui transferido de Maceió pra Garanhuns, terra do Lula. (*ri*) Né? Aí fui pra Garanhuns e fiquei lá servindo em Garanhuns. Aí surgiu, depois de alguns meses, né, porque, inclusive, eu tive uma experiência muito boa porque quando eu cheguei lá no Exército, quer dizer, lá em Garanhuns, estava com a farda do Liceu Alagoano. Então o oficial me viu fardado assim de ginásio, né, ...

CF – Por que é que o senhor estava...?

HU – Porque eu era pobre, quer dizer, minha roupa era aquela mesmo, né?! (*ri*) Não tinha roupa direito, entendeu?

CF – Não tinha que, necessariamente, ir com a roupa da...

HU – Não necessariamente. Eu fui porque era a minha roupa de vida, de... (*falam ao mesmo tempo*) é, entendeu? Meu pai era... o que ele ganhava dava pra manter a família humildemente, né? Comprar um par de sapatos uma vez por ano... E eu andava fardado, eu acho que até pela tendência de ser militar. Quer dizer, gostava de andar com uniforme. (*ri*) Aí eu...

CD – O senhor chegou lá com a roupa do Liceu, né?...

HU – ...do Liceu e fui identificado lá por um oficial, né, e ele me convidou pra trabalhar na secretaria do Batalhão. Porque todos, quase todos, eram analfabetos. Quer dizer, o pessoal era convocado, chegava lá daquele interior do, né, de Pernambuco, Alagoas e etc., e quando chegava uma pessoa assim, era utilizada na parte administrativa, né? Aí eu fui trabalhar na secretaria. Quer dizer, foi um... vamos dizer assim, altamente positivo pra minha vida de caserna porque o Exército é muito duro, né? Eu fui liberado de várias atividades limpar, lavar banheiros e não sei quê... (*ri*) então já não fazia isso, né? Bom, aí acontece que depois de alguns meses que eu estava lá, surgiu um concurso para a Escola Técnica de Aviação em São Paulo e eu me candidatei. Existiam 30 vagas para o Brasil inteiro. Aí eu me candidatei, fui aprovado e vim pra São Paulo fazer esse curso na Escola Técnica de Aviação. Depois de um ano aproximadamente, eu fui... transferido aqui para o Rio de Janeiro. Porque eu tinha feito esse curso técnico na área da Aeronáutica, aquele negócio de motores, etc., porque estavam criando aqui no Rio o Parque Central do Módulo de (*Localização?*). Do Exército, né? Era lá no Magalhães Bastos, né? Aí eu fui transferido pra lá.

CF – O senhor se adaptou bem a essa vida, o senhor gostou? O senhor falou que queria muito entrar no Exército...

HU – Gostei...

CF – Se adaptou bem...

HU – Eu acho que tudo era experiência. Eu...vinha assim – como é que se diz? – uma vida humilde e etc., mas que na realidade pra mim era tudo... legal. Quer dizer, achava bonito, gostava, né, daquela vida de caserna e etc., né? E então quando eu cheguei aqui no Rio fui me preparar pra entrar na EMAN: Escola Militar de Agulhas Negras, né? Pra isso eu precisava fazer o científico. Aí comecei a estudar à noite. Quando eu estava próximo a fazer a minha inscrição, estava com a documentação pronta, já havia terminado... prestes a terminar o científico, eu sofri uma grande decepção no exército, né? Porque a imagem que eu tinha do Exército, da vida militar, era de justiça, né, de honestidade, uma série de coisas, né? E descobri que não era nada disso. Que a hierarquia militar era que prevalecia, não era a sua palavra, era a palavra do superior. Então diante dessa grande decepção eu resolvi sair do Exército, né? Já tinha quatro anos que eu estava, né, no Exército...

CF – Já tinha acabado a Guerra...

HU – Já tinha acabado a Guerra.

PE – Como é que o senhor se mantinha aqui no Rio? Recebia um soldo...

HU – Do Exército?

PE – É.

HU – Não, tinha o salário, né? (*falam juntos*) Não, eu cheguei a sargento. Quer dizer, nessa caminhada toda eu fui fazendo curso, né, tal... aí quando eu cheguei a sargento, ia fazer a minha inscrição lá na Escola, na EMAN. Aí aconteceu esse negócio.

PE – Desistiu.

HU – Aí eu desisti. Desisti e pedi licenciamento do exército. Quando eu saí do exército, tinha um primo... sobrinho da minha mãe, né, primo legítimo, né – eu ia voltar pra Maceió. Ele disse: “Não, o que é que você vai fazer em Maceió? Lá você vai fazer o curso de Direito. Você quer fazer Direito?” Eu digo: “Não, que Direito!” (*ri*) “Então fica aqui.” Olha, ele me deu todo apoio, eu fiquei com ele, sabe? Ele era jornalista da “A Noite”, aquele jornal “A Noite” ...

CF – Como era o nome dele?

HU – Augusto Aguiar. Augusto Wanderley Aguiar. E então ele me deu todo apoio, cobertura, me arranjou emprego... Aí eu comecei a trabalhar na Casa (*Pratt?*) – vocês já ouviram falar nessa casa?

VB – Casa...?

HU – Pratt.

VB – Prate?

HU – (P?)-R-A-T-T. Era uma casa que vendia máquinas de escrever, máquina de calcular, entendeu? E eu fui pra lá como auxiliar de escritório. Comecei a trabalhar e estudar, terminando o meu curso, que aliás, já havia terminado o curso científico, aí resolvi fazer o pré-vestibular. Eu digo: “Bom, vou fazer uma faculdade.” Mas não sabia que faculdade ia fazer. Porque a minha aspiração era ser militar, né? Rompi aquilo, fiquei meio perdido, né? (*ri*) Aí, fazendo esse pré-vestibular, numa das provas de História Natural, o professor Fritz De Lauro – ele era descendente de alemão, né – fez lá uma anotação dizendo que eu devia seguir a carreira no campo da Saúde. Razão por que eu fiz vestibular pra odontologia, né?

CF – Por orientação desse professor, né?

HU – Desse professor. Aí eu fui pra Odontologia. Terminei o curso de Odontologia...

CF – E como é que foi o ingresso na faculdade?

PE – É, mas Odontologia... podiam ser outras opções também na área de Saúde: Medicina...

HU – Podia, a não ser, talvez...

CF – Farmácia...

HU – É, mas... aí foi uma influência até de amigos do curso de pré-vestibular que a gente estava, não é, fazendo e etc., talvez um encaminhamento assim...

CF – Outros colegas seus iam fazer Odontologia também.

HU – Odontologia também, né? Aí eu fiz a prova lá pra o curso de Odontologia da Faculdade de Medicina de Niterói, aquela faculdade de Medicina...

PE – Que virou Universidade Federal Fluminense, né?

HU – É. E que naquela época era um curso anexo à Faculdade de Medicina. Depois tornou-se independente, como se diz, né? Faculdade de Odontologia, Faculdade de Medicina, mas na época era um curso anexo à Faculdade de Medicina. Aí eu terminei o curso, tentei montar uma clínica particular.

CF – Peraí, vamos antes... vamos falar um pouquinho disso. Como é que foi a faculdade? Como é que foi... assim, o senhor teve professores que o senhor gostou mais, teve disciplinas que o senhor teve mais interesse dentro da própria Odontologia...?

HU – Não...

CF – ...alguma área de especialização...?

HU – Não. Eu, sinceramente, quer dizer, a faculdade eu fiz trabalhando, né?

PE – O senhor continua a trabalhar nessa... *(falam ao mesmo tempo)*

HU – É. Só que eu descobri que quem ganhava dinheiro na Casa Pratt era o vendedor das máquinas, né? Então eu comecei a lutar *(ri)* pra passar pra o quadro de vendas e consegui, né?

PE – O senhor trabalhava de manhã e estudava...

HU – Não, aí, na condição de vendedor eu não tinha obrigação de horário, entendeu, porque a minha obrigação era vender pra poder ganhar dinheiro.

PE – Ah, o senhor vendia... saía, ia à rua.

HU – Quer dizer, tinha um plantão por semana e vendia na rua. Quer dizer, alguém telefonava...

CF – O senhor fazia o seu horário.

HU – É, fazia o meu horário. Então isso facilitou. Então durante o curso de Odontologia, francamente, eu encontrei, vamos dizer assim, professores bons, né? Agora, teve um professor que eu me liguei a ele, até depois de formado, etc., porque o pai dele era alagoano e tal, não sei que, né? E... Mas eu fiz um curso sem, vamos dizer assim, sem muito entusiasmo, né? Quer dizer, fiz, eu digo: “Bom, vou fazer isso.” Aí fiz o curso e tal, achava a coisa muito tecnológica talvez, né, lá... Aí...

CF – As disciplinas, as aulas eram todas em Niterói.

HU – Era tudo em Niterói. A gente pegava a barca e atravessava...

PE – Quantos anos? Quatro ou cinco anos?

HU – Eram quatro anos. Todos os anos, quer dizer, todos os dias, tinha que ir a Niterói e voltar, né? Quer dizer, fiz a minha turma era grande, tinha mais de 40 alunos. Uma turma muito unida, a gente brincava muito e tal... Foi uma experiência boa. Agora, não, naquela época, eu não sei se também diante do avanço que hoje a gente já vê, o mais rápido procura uma especialidade, né? Eu procurava aprender tudo. Quer dizer, não havia uma preocupação de aprender uma especialidade.

CF – Não tinha nada de específico assim que despertasse mais o seu interesse.

HU – Não, o que houve de específico foi que um colega de turma, o pai dele era dentista e ele já trabalhava. Quer dizer, ele com o pai, começou a trabalhar como protético, depois começou a trabalhar num consultório como dentista, como prático. No Largo da Carioca, naquela época. E ele então resolveu fazer o curso de Odontologia. E eu fiquei muito ligado a ele e quando nós saímos da faculdade, eu ia lá pra o consultório dele, pra oficina de prótese, né? E ajudava a fazer montagem de aparelhos de próteses, etc. e tal, com ele.

CF – Como era o nome dele?

HU – Walter (*Atademo?*). Atademo. E ele era casado com a filha do Oscar Niemeyer, Ana Maria Niemeyer, né? E eu inclusive ia – não sei se vocês conhecem aquela casa do Oscar Niemeyer lá na...

PE – Estrada das Canoas...

HU – Quer dizer, ele morava lá e eu ia muito estudar com ele lá naquela casa e etc., né? Então foi uma ligação...

CF – E o curso era o dia inteiro? Não.

HU – Não, não. O curso era, às vezes, de acordo com a disciplina. Pela manhã, à tarde, né? Pela manhã ou à tarde. Raramente era o dia inteiro, né?

CF – E aí então o senhor...

HU – Quando era o dia inteiro eu inclusive almoçava lá na pensão com ele.

CF – Ah, é?! Então o senhor ficou muito... é esse colega de turma a pessoa mais próxima...

HU – Mais próxima e ficamos próximos até o fim da vida dele. Faleceu há um mês atrás. Agora... posso continuar, depois do curso? Aí eu terminei o curso de odontologia e tentei montar, aliás, trabalhar na clínica particular...

CF – Montar um consultório.

HU – Aí não tinha dinheiro pra montar o consultório, né? Então resolvi alugar um consultório. Depois de alguns meses verifiquei que o que eu recebia não dava nem pra pagar o aluguel. Eu não sabia cobrar. Quer dizer, quem aparecia lá eu não sabia cobrar e tal e numa oportunidade que eu fui a Niterói ver a questão de diploma e etc., né, encontrei com um colega que disse: “Olha, Hélio, eu recebi um convite pra trabalhar no interior de Minas Gerais, na Comissão do Vale do São Francisco. Eles têm lá uma Colônia chamada: Colônia Agropecuária de Paracatu e o administrador dessa colônia, o homem está procurando um dentista pra lá e não encontra, já vai contratar até um prático.” Né? Aí eu digo: “Bom, chegou a hora, né?” “O salário é ‘x’... que eu não lembro mais, era um salário muito bom, com casa, comida, casa mobiliada, etc., ... Chegou a hora, né?”

VB – Lá se foi o senhor.

HU – Aí eu vou pra essa Colônia Agropecuária de Paracatu. A experiência foi fabulosa lá...

PE – Isso foi... o senhor participou em 55.

HU – 55. Aí eu, essa colônia era uma antiga fazenda inglesa. A área dessa fazenda era do tamanho do município do Rio de Janeiro. Pra vocês terem uma idéia de tamanho, né? Não sei por que razão o governo brasileiro se apossou daquela fazenda. Porque ela era de ingleses. Então passou pra o governo federal.

CF – Ah, então era uma instituição do governo federal então, essa colônia.

HU – Era uma...

CF – Vinculada ao quê? Ao Ministério da Agricultura?...

PE – (??) Comissão do Vale do São Francisco.

HU – Comissão do Vale do São Francisco, que era Ministério da Agricultura, se não me engana.

PE – Era.

VB – E a... o objetivo dessa colônia...

HU – O objetivo era muito interessante, né? Era encaminhar os nordestinos que subiam o Vale, o rio São Francisco, saltavam em Pirapora com direção a São Paulo e Rio. Então eles procuraram interromper esse fluxo migratório levando lá pra essa fazenda. Então cada um recebia uma área grande pra trabalhar... o governo dava de acordo com o tipo de trabalho que ele fosse desenvolver, se fosse um trabalho agrícola ele recebia uma vaca, duas vacas, um bezerro e tal, pra tirar o leite, se manter... semente de arroz, feijão, etc. pra plantar ou então se eram mais agropecuários, tinha mais tendência a agropecuário, recebia mais gado e etc. e tal, né? Então, além disso esse nordestino, esse imigrante, recebia assistência técnica de agrônomo, veterinário... porque tinha lá uma equipe na Colônia Agropecuária de Paracatu de técnicos, né? Assistência médica, tinha um médico e odontológica. Era um... foi um trabalho espetacular!

VB – É tudo que hoje em dia as pessoas deveriam fazer. (*risos*)

CF – Mas ele recebia a propriedade, o lote de terra era dele?

HU – Ele recebia com...

CF – Título de propriedade?

HU – Título... ele recebia aquele lote pra começar a pagar cinco anos depois uma importância irrisória, né?

PE – E funcionava bem, funcionou bem?

HU – É... construiu uma casa de alvenaria lá no lote dele e dava toda essa assistência. Olha, esse núcleo cresceu tanto que hoje é uma cidade chamada Brasilândia, que é perto de Paracatu. Porque eu cheguei lá não tinha nada. Agora, o que foi que aconteceu? Quer dizer, é interessante que alguns colonos se... mantiveram e cresceram, etc., outros venderam depois de algum tempo quando acabou o feijão e o arroz, aí eles venderam o lote e continuaram a sua caminhada pra (*falam juntos*).

CF – Mas não tinha uma regulamentação prevendo esse tipo de coisa...?

HU – Tinha, tinha! Mas isso...

CF – Não era fiscalizado.

HU – Não era fiscalizado e tal, etc., mas havia, quer dizer, o camarada se comprometia, né, de... ficar naquela fazenda, etc., mas a coisa era tão grande, porque era uma área do município do Rio de Janeiro! Você não podia ficar andando aquilo tudo pra fiscalizar, né?

VB – Mas segundo a sua avaliação foi uma experiência que deu certo.

HU – É. A experiência deu certo porque aquilo lá cresceu. E os que ficaram... conseguiram melhorar a vida.

PE – E o senhor vivia lá. Morava lá.

HU – Morava lá. Quer dizer, essa... a sede dessa colônia ficava de Pirapora, que era a cidade que se mantinha contato, não é, cerca de 8 horas de jipe.

CF – Nossa senhora!

HU – Pra você ver a distância, seis a oito horas de jipe. Mas foi pra mim uma experiência maravilhosa, (?).

CF – Aí o senhor chegou lá, isso em 1955.

HU – É.

CF – Aí o senhor ficou lá quantos anos?

HU – Eu passei lá um ano e pouco.

CF – E como é que era o trabalho que o senhor fazia lá?

HU – Ah, o trabalho... eu cheguei lá, encontrei o equipamento encaixotado, orientei a construção de uma sala, né, de um local pra instalar o equipamento. Instalei o equipamento. Treinei pessoal pra trabalhar comigo...

CF – Auxiliar, é isso?

HU – Auxiliar. E aí tive, vamos dizer assim, uma... na minha ida pra lá eu conheci um colega que trabalhava em Pirapora na Fundação SESP. E ele me deu toda a dica pra Odontologia Preventiva. Questão de flúor...

CF – Quem é esse?

HU – Aldir Henrique Silva. Então o Aldir que era dentista da Fundação SESP e trabalhava em Pirapora nessa linha... porque durante o curso de Odontologia nós não tínhamos nada de prevenção! Era só: clínica, clínica, clínica...!

CF – Nenhuma (!)?

HU – Nada! Aí eu, passando lá em Pirapora, quer dizer, tinha sempre contato com esse rapaz e ele começou a me dar umas luzes sobre a Odontologia Preventiva. Então eu além de fazer a parte...

CF – Clínica, de tratamento...

HU – ...de tratamento, etc., né? Extração, obturação, próteses... eu comecei a me preocupar com a parte preventiva, já pensando em fluoretar a água e tal, né?

CF – E o que mais, doutor? Vamos falar mais um pouquinho sobre isso. Isso é uma coisa importante. Porque é a sua entrada na Saúde Pública, não é?

HU – Pois é, exatamente. Não, mas aí foi esse negócio...

PE – (???), quer dizer, o senhor era o único dentista na...

HU – O único dentista.

PE – ...nesse projeto lá (*falam juntos*) daquela...

HU – Naquela área ali e tal. Não, a comissão tinha outro dentista aqui no Rio...

PE – Sim, mas lá era o senhor...

HU – Mas lá era eu... quer dizer, eu não conheci nenhum dentista da Comissão (?), entendeu?

PE – No início era da Fundação SESP, mas era em Pirapora...

HU – É, morava em Pirapora, entendeu? E eu mantinha ligação com ele. E ele sempre foi um entusiasta com isso, era um professor mesmo nato, quer dizer, gostava de ensinar...

CF – E como é que era o trabalho nessa parte preventiva, o que é que o senhor pôde fazer (???)...?

HU – Pouca coisa, eu fiz pouca coisa...

CF – Pois é, o senhor ficou só um ano...

HU – Eu fiz pouca coisa porque aí surgiu um problema familiar e eu tive que às sete horas da manhã pedir demissão da Colônia. Aí eu pedi demissão, o médico que trabalhava na colônia, ele tinha que ir pra lá passar umas férias. Ele era cirurgião de tórax do Instituto Nacional do Câncer. Egberto Penido Burnier. (*interrupção da gravação*)

CF – ...voltar pra o Rio. Pedir demissão...

HU – Voltar pra o Rio e trouxe uma carta do Egberto Penido Burnier para o filho dele que era presidente da Fundação SESP, Henrique Maia Penido. Ele lê a carta, ele chamou o Paulo Freire que era... – Paulo da Silva Freire, né? – que era o chefe do setor de Odontologia da fundação SESP, na época Serviço Especial de Saúde Pública, ainda não era Fundação, né? E...

CF – Isso em que ano? Foi em 1960... ou antes?

HU – Não, 57...

CF – Não, o senhor foi pra lá em 55, né, então...

HU – É, era 57, né? Aí ele, o Paulo, ele... o Mário Penido pediu ao Paulo que se tivesse uma vaga para dentista no quadro da Fundação que ele me encaixasse. Acontece que eu toda semana ia ao SESP, né, pra saber se tinha vaga, não tinha. Fiquei seis meses aproximadamente nessa caminhada. Até que finalmente surgiu uma vaga no Piauí, né? Interior do Piauí. Aí o Paulo me informou e eu aceitei imediatamente, né? Ele então me encaminhou pra fazer um curso de admissão para a Fundação SESP, o Serviço, né, SESP, em Aimorés. Aimorés e Baixo Guandu. E lá ficamos aproximadamente um mês, eu e mais vários outros dentistas que estavam ingressando na Fundação.

CF – Aí o senhor foi fazer o curso pra se preparar, né?

HU – É, me preparar.

CF – Aí nesse curso no SESP, no decorrer desse mês, aí o senhor começou a aprender a ter contato com essas práticas de...

HU – É, eu comecei a ver com mais detalhes, né, a questão da fluoretação da água do Baixo Guandu. Foi a primeira cidade do Brasil a receber a fluoretação da água, né, e Aimorés, que é uma outra técnica preventiva utilizando o flúor, que é a aplicação tópica de uma solução de fluoreto sódio a 2% em crianças, né, que estão na escola, né? A partir de 6, 7 anos têm esse problema que depois a gente vai ver como é que funciona, com mais detalhes.

CF – É. O senhor falou que era uma coisa que só o SESP fazia.

HU – É. Nessa época nem se ouvia falar na área de Odontologia, essa questão da fluoretação... fluoretação da água até se ouvia falar, mas a aplicação tópica raramente alguém fazia, ninguém fazia. E, inclusive, a Fundação SESP tinha uma técnica chamada: Técnica das Quatro Cadeiras, que atendia quatro crianças de cada vez, né? Através de pessoal auxiliar. Não é o dentista que faz esse trabalho, isso é delegado a um auxiliar, a chamada Técnica de Higiene Dental. Ela faz um curso, é treinada pra fazer esse trabalho.

CF – Ela faz as quatro crianças de uma vez só?

HU – É. Ela pega a primeira criança, faz a limpeza com uma escova rotativa, pedra-pomes, etc., limpa todos os dentes, depois vai pra a segunda, aí ela termina de limpar uma (?) arcada dessa criança e coloca o protetor, que é um aparelho especial pra isolar os dentes e faz a aplicação da solução porque aquilo tem que esperar quatro minutos mais ou menos, né? Aí ela vai pra segunda criança, quando ela termina a quarta criança, passaram-se os quatro minutos, ela passa pra o outro lado, aí vai fazendo isso, entendeu? Então em Saúde Pública isso é importante porque é como se fosse...

CF – Ganha tempo, né?

HU – É, ganha tempo. (??) a produção... é. Então quando eu terminei esse treinamento, aí eu fui pra...

CF – Só uma coisa, esse treinamento o senhor fez com professores da UFRJ, não é isso?

HU – É, nesse treinamento teve professores da UFRJ que depois, naturalmente, levar uma técnica de preparo de cavidade, de restauração, etc. mais avançado do que o que a gente aprendia na faculdade, quer dizer, nós lideramos também o conhecimento único e também a parte preventiva, né?

CF – Mas tinha os professores... – desculpe, Paulo, mas só pra... – mas tinha professores do SESP também.

HU – Tinha, tinha.

CF – Era da UFRJ e do SESP, né?

HU – Do SESP.

CF – Tinha funcionários do SESP dentro...

HU – Exatamente.

CF – O senhor lembra de alguém assim, específico do SESP? (??)

HU – Ah, tinha o Paulo Freire, né?! O (Aprígio?) da Silva Freire era um outro que vivia lá, que era dentista local, mas que já tinha uma experiência grande, né, já trabalhava há algum tempo, então ele orientava nessa parte preventiva, né? Tinha... porque a gente além de ver a parte de Odontologia, via tudo: a parte de enfermagem, medicina... acompanhava o atendimento numa unidade sanitária. Quer dizer, era um treinamento completo.

PE – Quer dizer, além da aula tinha a parte prática, né?

HU – Além da aula tinha a parte prática.

PE – Pra saber como é que funcionava esse serviço, né?

HU – Visitava a unidades sanitária, saía com as visitadoras sanitárias pra fazer visita domiciliar. Quer dizer, isso quando estava entrando.

CF – Como é que era essa visita, dr. Hélio? (*falam juntos*) fala muito (??)...

HU – Não, a visita que vai lhe dar mais detalhes sobre isso é (*Elza Paim?*), né? Mas em princípio é o seguinte: existia uma ficha dessa família e ela acompanhava, principalmente gestante e etc., né, ia à casa, fazia o atendimento daquela família e tal lá, né? Principalmente a gestante, né, tinha acompanhamento. E aquilo lá era muito bem controlado, né, pelo serviço de enfermagem. A Elza Paim vai te...

CF – Mas é que o senhor... quer dizer, na realidade o senhor foi durante o curso, como dentista, pra conhecer o trabalho...

HU – O trabalho.

CF – Mas o dentista participava depois com regularidade dessas visitas ou não?

HU – Não, não...

CF – Só a enfermeira que participava.

HU – Não, não... ele participava no atendimento à gestante. Porque o programa de Odontologia do SESP era, vamos dizer assim, 80% dedicado ao atendimento à criança, né? Ao preventivo e curativo. E, vamos dizer, aproximadamente 20% a adulto. Então dava um dia por semana na unidade pra atender remoção de foco em gestante, em adulto, etc., né? Agora, o volume maior era exatamente na área escolar.

CF – E o médico do SESP, fazia o quê? Porque é ele, um trabalho em equipe, né? Tem enfermeira, tem médico... O médico do SESP, qual era o trabalho dele nesse grupo aí? O senhor tinha algum contato com os médicos do SESP, tinham um trabalho conjunto? (???)

HU – Não, era uma coisa... ele integrava, né? Quer dizer, os médicos que a gente... conhecia o trabalho de atendimento, né, ele... na parte preventiva e curativa, no atendimento principalmente à gestante, né?... E o médico também, isso dependia muito até da pessoa, né? Quer dizer, às vezes, não nesse treinamento, mas a minha experiência depois é que diz que tinha médicos mais interessados e médicos menos interessados. Na realidade é isso que ocorre, né, nesse entrosamento, né? Tinha o... aí depois que eu... sim, aí eu terminei o treinamento lá e como o material não tinha chegado ainda no Piauí na cidade em que eu ia trabalhar, então eu fui encaminhado para continuar o meu estágio na cidade de Pirapora – não, Pirapora não – Propiá.

CF – Propiá? Onde é isso?

HU – Sergipe.

CF – Sergipe.

HU – É. Então lá eu fiquei, aproximadamente, uns dois meses aguardando que o equipamento que foi comprado aqui no Rio chegasse lá no Piauí, né? E essa experiência lá no... em Propiá, foi também muito rica porque eu tive contato com um colega, Jairo Diniz, que depois de um tempo veio até a ser diretor da Faculdade de Odontologia da Bahia, né, Salvador. Esse rapaz era um entusiasta, né, o Jairo Diniz, estudioso... quer dizer, eu tive uma sorte muito grande porque aprendi também muita coisa com ele. Complementei aquele estágio de um mês lá com ele e tal, e ele tinha... é um negócio interessante é que ele além de ver a parte de odontologia, se preocupava com os cuidados da criança, né? Chegava a ponto de combater piolho nos escolares, né? Quer dizer, fazer um movimento lá e tal, né? Quer dizer, foi muito rica a experiência (??). aí depois de dois meses eu chego ao Piauí. Então quando eu cheguei lá fui trabalhar na cidade de José de Freitas. José de Freitas é uma cidade que fica a uma hora de Teresina. Acho que menos de uma hora, não me lembro. Uns 40 minutos!

PE – Na época era uma cidade de mais ou menos quantos habitantes? O senhor sabe?

HU – Uns 3 mil habitantes. Era até comparada, a cidade, com a Barca da Cantareira, porque cabiam 3 mil pessoas. (*risos*) Quando eu cheguei no Piauí eu tive uma dor no coração, porque quando o avião chegou, naquele tempo era um (?) DC-3, né, que ia pra lá, passava o dia inteiro viajando pra chegar em Teresina. Quando cheguei em Teresina, um calor tremendo, aí peguei o táxi, fui pra o hotel, minha impressão é que tinham passado um facão assim nos prédios, só tinha casa baixa, né? “Aonde é que eu vim me meter?!” (*risos*) Aí eu cheguei no hotel, fui tomar um banho, quando eu abri a torneira: a água barrenta, água do rio, né? Sem tratamento, sem nada e quente, né? Porque o calor era tremendo! Naquela época não tinha estrada asfaltada, sistema de comunicação via telefone era muito precário. Você passava às vezes o dia inteiro pra completar uma ligação pra cá. (*falam ao fundo*) Ah, quando começava a falar (??)... Tinha a questão de rádio, por exemplo, não tinha rádio de pilha. Só tinha rádio daquele de válvula (??). Então, quando eu trabalhar no interior, a energia era de 6 horas da tarde às 10 da noite. Durante o dia não tinha energia, né, porque era só um gerador pra toda cidade. Então jornal não chegava lá, revista muito menos e eu só via...

CF – Foi um choque, né? O senhor levou um choque.

HU – Levei um choque com isso aí. Mas aí, fiquei lá e tal, né?...

CF – Me diz uma coisa: por que essa cidade, por que José de Freitas? Por que é que o SESP escolhia isso: Propiá, José de Freitas... Tinha algum motivo pra ser exatamente...?

HU – Não, isso aí é o seguinte: dependia muito, vamos dizer assim, dos contatos iniciais da direção regional com os municípios, né? Quando ele encontrava mais apoio do prefeito, interesse das autoridades, etc., aí começava o trabalho do SESP, né? E José de Freitas...

PE – Vamos falar um pouco dessa estrutura do SESP, como é que era. Quer dizer, tinha uma direção que funcionava aqui no Rio...

HU – Não, aí... (??) Naquela época existia o SESP... – você sabe como é que começou o SESP, né? – foi um convênio do governo brasileiro com o americano pra...

CF – Na época da guerra...

HU – ...na época da guerra, pra extração de borracha na Amazônia...

PE – (??) na Amazônia...

HU – ...no Vale do Rio Doce e tal, pra beneficiar o americano e tal, essa coisa toda. Porque na realidade, mas foi uma grande escola. Quer dizer, dizer a origem é pouco, não é muito recomendável, né? Mas aí, acontece que esse convênio com o governo americano, cada vez que era renovado, a participação dos Estados Unidos diminuía, né? E o Brasil entrava com mais recursos e etc. Ele... vamos dizer assim, porque era Fundação SESP, aliás, era Serviço Especial de Saúde Pública. Porque era... previsto acabar o SESP, né, porque era especial, devia terminar com a guerra. Mas acontece que os resultados que o Serviço conseguiu no Norte e no nordeste brasileiro foram espetaculares, né? Então os políticos impediram que acabasse o SESP: “Não, não pode acabar, não sei quê...” Então deram força. Até que passou pra Fundação SESP, né? Nessa época que o convênio já estava no final, com o americano, então o SESP pensou em fazer serviços de cooperativa de saúde com os estados. Então era uma... um convênio, até seguindo aqueles moldes iniciais do SESP, quer dizer, o governo federal entrava com uma parte, o governo estadual com outra, pra se trabalhar nas secretarias estaduais de Saúde. Mas lamentavelmente isso não deu certo, né? Porque na realidade, os profissionais da Secretaria, já mal-acostumados em termos de horário, né, disciplina, etc., não se adaptou ao sistema do SESP. Porque o SESP era: tempo integral e dedicação exclusiva. Você aprendia a chegar na hora, né, a cumprir seu período de trabalho religiosamente... Quer dizer, já esse próprio sistema de ingresso, né, de treinamento e etc., já condicionava a esse tipo de coisa. E como nós fomos trabalhar com os estados que já tinham alguma experiência nesse sentido, ninguém queria nada! Sempre chegava atrasado, não seguia as normas, entende?

CF – Os funcionários das Secretarias Estaduais de Saúde.

HU – É. Então, por exemplo, no caso do Piauí, quando eu cheguei lá existia o Serviço... não, Serviço Cooperativo do Piauí. Serviço de Saúde... Serviço Cooperativo de Saúde do Piauí, né? Que tinha uma diretoria da Fundação SESP lá, um diretor, né, e esse diretor procurava trabalhar com o secretário da Saúde. E além disso o SESP mantinha algumas unidades só do SESP, né, até pra demonstração lá, né? E eu, por exemplo, fui trabalhar em José de Freitas porque existia uma Unidade de Saúde... por exemplo, o médico dessa unidade que eu fui trabalhar era do estado do Piauí, ele não era funcionário do SESP. E vários outros funcionários da Unidade. Tanto que quando eu cheguei lá já admitido pelo SESP aqui do

Rio, o diretor regional achou ruim porque queria que eu ficasse lá e conseguisse uma cooperativa pra ele como funcionário do serviço de cooperativa.

CF – Ah, não queria que o senhor fosse funcionário do SESP, né?

HU – Do SESP, né?

CF – Quer dizer, preferia alguém da região, do próprio estado...

HU – Não era alguém da região, era que a minha entrada deveria ser pelo estado. Entendeu?

CF – Só podia ser funcionário do estado, não do SESP.

HU – Do estado, entendeu? Mas ele: “Puxa, mas você é (???) o que é que eu posso fazer?” Depois ele aceitou a idéia e tal. Aí eu fiquei de ir... aí essa cidade José de Freitas, era... pelo próprio nome da cidade, né, era a família Freitas que mandava. Quer dizer, quem criou a cidade era essa figura aí, José de Freitas, que era pai ou avô do prefeito quando eu cheguei lá, que era o prefeito na época, né? Entendeu? Era um clã... político, etc., que mantinha aquele negócio lá. Eram os Cardoso, que até hoje parece que tem lá... os Almeida, José de Freitas, os Freitas, né?... eles mandavam lá na cidade. E como a cidade era pequena e a minha capacidade de produção no ano era muito maior do que o volume de trabalho que eu ia encontrar com as crianças lá em José de Freitas, eu tive que ficar trabalhando seis meses em outra cidade. Quer dizer, passava seis meses numa cidade, seis meses em outra. A outra cidade era Barra do (*Maratauã?*), que era um rio, né, rio Maratauã, fazia confluência com outro rio e se chamava Barra de Maratauã. Que era uma cidade também pequena, 3 mil e poucos habitantes, né, e o sistema também esse: cheguei lá o médico era do estado, tinha uma construção de um hospital, de uma sociedade local, depois o SESP retirou esse hospital. Esse médico... porque esses médicos foram, também recebiam treinamento.

CF – Ah, é?! Também vinham pra cá fazer treinamento ou não, faziam lá mesmo?

HU – Não, faziam em Minas e no Ceará, já que existia uma estrutura de treinamento, entendeu? O médico de... José de Freitas parece que fez o treinamento dele em Minas Gerais, né? Pra seguir, pegar as normas, etc. e tal, né?

CF – Quer dizer, mesmo não sendo funcionários do SESP, eles recebiam esse treinamento (??)...

HU – Nessas unidades. Porque eram dois... o SESP, por exemplo, nesse Serviço Cooperativo de Saúde, trabalhava com unidades administrando diretamente e também tentando ajudar, colaborar com algumas unidades que ainda não tinham se integrado ao sistema, né? Aí então... agora, na realidade isso dava uma ênfase, aí tinha: José de Freitas, Barras, Parnaíba... umas 10 unidades mais ou menos, na época em funcionamento nesse sistema, né? Agora, todos eram funcionários do estado.

CF – O senhor foi a única pessoa do SESP...?

HU – Eu e o diretor.

CF – Quem era o diretor do SESP?

HU – O diretor lá era... – como era o nome dele, meu Deus?...

CF – Era médico?

HU – Era médico. Era... não, ele era daqui da Bahia, e depois andou por aqui e foi pra lá. Porque só podia chegar no cargo de direção quem tivesse feito uma caminhada e uma certa experiência e tal, né?

PE – Trajetória...

HU – (*Ozéas?*) Pinheiro de Araújo. Era o diretor lá do diretor regional do Serviço Cooperativo de Saúde. ...

CF – E como é que era, dr. Hélio, essa integração, nesse trabalho cotidiano o senhor tinha uma relação direta com o médico ou não?

HU – Mas diretíssima, né? Porque, por exemplo, eu ia... embora eu trabalhasse nas escolas, uma vez por semana eu tinha que dar um atendimento no posto de saúde. Agora, acontece que eles eram muito interessados lá em (?), pelo menos onde eu trabalhei, esses médicos de José de Freitas e Barras. Qualquer coisa, tava sempre vendo... uma cidade pequena. Você não tinha o que fazer. Às 5 horas da tarde a gente ia tomar cerveja juntos, né, quando terminava...

CF – Ia se encontrar com ele. (ri)

HU – É. Encontrava, batia papo e o assunto era só cerveja...

PE – Era o trabalho.

HU – É. Aí eu cheguei lá em José de Freitas, tive que montar o equipamento, treinar pessoal... quer dizer, tive que selecionar duas moças, uma pra funcionar como atendente no meu atendimento clínico e outra pra funcionar como técnica de higiene dental, fazendo aquele trabalho de aplicação do flúor.

PE – Do ponto de vista da estrutura havia recursos pra essa (???) ...?

HU – Nunca faltou nada.

CF – Dinheiro tinha, ele falou.

HU – Não, o material ia todo da... a gente não comprava nada. Recebia tudo ou de Teresina ou do Rio. Ia pra lá, né? Material odontológico... Nunca faltou nada! E tinha uma lista padrão, um negócio muito bem organizado! Realmente é uma pena... eu hoje quando penso, porque hoje você não tem mais, chega aí na parte de odontologia é um fracasso, né, chega na parte médica a gente está vendo o que é que aconteceu, né? Deu uma tristeza, quer dizer, né?

VB – Um retrocesso...

HU – Retrocesso tremendo. Porque foi uma grande escola a Fundação SESP, né? Você tinha uma lista padrão... tudo era padronizado. Tinha o manual de normas técnicas, né, aí você tinha inclusive todo o material padronizado pra você fazer o pedido pra 6 meses. De 6 em 6 meses você já fazia um pedido pra o mês seguinte, né? Então nunca faltou, absolutamente nada! E outra coisa, aqui no Rio de Janeiro, na Superintendência, tinha o diretor da Região Nordeste, Plínio Aguiar. Ele saía daqui ia para o Piauí, chegava em Teresina, pegava um carro ia pra interior. Chegava por exemplo, José de Freitas, de vez em quando eu estava trabalhando o Plínio chegava lá. Ele ia visitar o serviço odontológico. Médico, né, diretor dessa região. Então... quer dizer, havia, vamos dizer assim, eu não digo nem fiscalização, mas um interesse em todos os níveis pra coisa funcionar direito.

CF – Uma supervisão, né?

HU – Supervisão! Aí eu fiquei 3 anos trabalhando no Piauí, né? José de Freitas, Barras, José de Freitas, Barras. Um ano...

CF – Nessa época, lá no Piauí já se discutia a questão da fluoretação da água? Como é que, houve um investimento...?

HU – Se discutia muito timidamente, né? Só um dentista ou outro é que a gente... chegava lá em Teresina, porque no interior nem... No interior quando eu cheguei lá tinha um dentista, ele atendia na casa dele. O que é que ele fazia: era extração e dentadura, era o que fazia. Agora, tinha um que tinha um serviço de alto-falantes pra cidade, em (*prática?*), e que fazia a maior propaganda. Ele era político num comício aí, recebeu um tiro, afetou a coluna, ficou hemiplégico, em cima de uma cama... não podia, naturalmente, andar... atendia na casa dele e preparava pessoas pra atender no interior, nas fazendas, etc., pra extrair não sei quê e tal e tal. Então...

PE – Como era a convivência com esse tipo de...?

HU – Não, aí é que eu vou chegar lá. Quer dizer, quando eu cheguei lá em Teresina que eu... isso foi em Barras, quando eu cheguei lá que soube esse camarada, que eu ouvi o alto-falante e não sei quê... disse: “Não, isso é o dr. Ozéas, né?” Aí me contaram quem era o dr. Ozéas. “Não quero nem conversa com esse camarada.” Quer dizer, aquela empáfia, né, de “Recém-formados, dono do conhecimento... (*risos*) Não quero nem conversa com esse camarada.” Aí quando eu estou trabalhando no grupo escolar, chamo uma criança e eu vou atender a criança. Aí ela diz: “Ó, doutor, se o senhor for cauterizar o meu dedo, não precisa porque o meu pai faz isso.” Aí você imaginar uma criança no Piauí, no interior do Piauí, naquela época, falar

em “cauterizar”! Aí quando ele saiu, eu perguntei à moça: “Quem é esse?” “Ah, esse é filho do dr. Ozéas e tal, né?” “Ah, tá legal, então ele não quer que eu atenda não vou atender não, deixa pra lá.” Aí quando foi um belo dia, eu recebi um convite desse camarada, do dr. Ozéas, pra ir visitá-lo, né? Pensei duas vezes e tinha um médico que estava estagiando, um médico que ia ingressar no serviço, parece que ia pra o Ceará, que tinha vindo estagiar lá em Barras porque... na área médica e tal, né? Aí eu: “Vamos lá!” “Então vamos!” Então vamos lá conversar com o Ozéas, né? Quando eu cheguei lá, né, aí ele começou... bom, eu vou lá, mas não vou conversar nada de odontologia, né? Vou lá conversar como prático, isso (??), né? Aí quando eu estou com eles entra o garoto. Quando... aí ele vai me apresentar o garoto, né, aí o garoto diz: “Não, eu já conheço!” O garoto era esperto à beça, né? Eu já conheço o dr. Hélio, né?” “Ah, conhece de onde?” “Lá do grupo escolar.” Aí fui falar no serviço, só pra jogar pra fora a sapiência, né? (*risos*) o serviço que eu estava fazendo. “Não, nós estamos aqui fazendo um serviço assim, assim, mas quando eu fui atendê-lo ele disse que não precisava porque tinha quem fizesse esse trabalho. “Absolutamente, você vai fazer o trabalho lá com o doutor!” (*risos*) Então... aí eu comecei a entender toda essa questão do prático e tal, etc, né? E toda cidade tinha um prático. Lá em José de Freitas tinha o irmão de um médico, era farmacêutico, odontólogo e nas horas vagas receitava também. (*risos*) O irmão dele. (??) isso aí...

CF – Interior, né?

HU – Interior! No interior era assim, era muito comum. Aí depois de...

CF – Deixa eu só acrescentar uma coisa, dr. Hélio. Ao mesmo tempo que existia o SESP, né, nessa época a gente já tem o Ministério da Educação e Saúde, né, o SESP fazia parte da estrutura do Ministério, né, e paralelamente ao SESP existia nessa época já, o Departamento Nacional de Saúde que também tinha uma estrutura que dava conta de várias reuniões no país, que tinha médicos, né, tinha enfermeiras, tinha um monte de gente trabalhando. Nessa... nesse seu contato, nessa época que o senhor esteve no Piauí, o senhor teve contato com alguém vinculado ao Departamento Nacional da Saúde? Porque eles também tinham estrutura, tinham postos de saúde...

PE – Dentro da saúde é outro estado, outro...

HU – Você chegava numa cidade do interior encontrava uma unidade sanitária federal. Ou outra estadual e outra municipal. E não se entendiam.

CF – Existia então, tinha uma unidade federal...

HU – Não! Não... lá não tinha. Lá onde eu trabalhava... em algumas cidades (??) (falam ao mesmo tempo)

PE – ...cidades maiores...

HU – Teresina, era um hospital do Ministério, né? Que tinha ambulatórios, não sei quê... Era uma unidade do estado e município... Quer dizer, você encontrava... assistência médica a

esses três níveis. Agora, não se entrosavam, um não conhecia o outro, não tava nem aí! (*ri*). Agora, lá nessa cidade não tinha, era só essa unidade que funcionava. E eu nunca tive nenhum contato com, eu tentei contato com o pessoal do Ministério um pouco em Brasília! No interior nunca tive.

CF – Nesse tempo todo que o senhor rodou vários estados do Brasil, o senhor nunca teve...

HU – Nunca tive nenhum contato...

CF – Não havia integração nenhuma.

HU – Nenhuma. Havia...

CF – O SESP e a estrutura...

HU – Só havia... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado A

HU – ...(*risos*) quer dizer, quando eu estava lá no Piauí, eu todos os anos vinha ao Rio, né, fazer uma lavagem cerebral... (*risos*)

PE – Uma reciclagem.

HU – É, reciclagem, claro. Não, até pra espairer, quer dizer, a família aqui e tal... Aí numa dessas viagens eu adquiri hepatite, né, e fiquei internado no Hospital dos Servidores do Estado. E o Paulo Freire foi me visitar. Aí disse: “Olha, rapaz, você precisa ficar bom porque eu indiquei seu nome pra fazer um curso de Odontologia Sanitária, como era chamado na época, em São Paulo.” Que era o único lugar que se dava esse curso e tal, né? Aí... “porque eu tô pensando em colocar você como supervisor.” Pelo acompanhamento que ele teve lá da Suíça, etc. Bom, aconteceu que eu não melhorei a tempo, não fiz o curso, mas quando eu voltei, aí eu já tive que treinar aquele dentista que existia lá no Piauí, lá na cidade de Barras, né, pra ficar no meu lugar, entendeu? E ele então, quer dizer, aí esse Plínio disse: “Olha, você só vai sair daqui quando treinar adequadamente o Eliseu”, né? Tá certo. Aí fiquei lá uns 3 meses mais ou menos, né, preparando o nosso amigo e tal e...

CF – Pra o senhor poder sair de lá, né?

HU – É, pra... quando ele ficou ‘ok’, foi que eu saí de lá e assumi a supervisão odontológica lá dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, com sede em Natal.

CF – A sede era em Natal.

HU – Era em Natal.

CF – Maranhão, Piauí...

HU – Ceará e Rio Grande do Norte. Aí fiquei fazendo esse trabalho, ensinando, né?...

PE – Em que ano? Em que ano isso? O senhor lembra?

HU – Ah, devia ser por volta de 1960, por aí assim.

CF – O senhor foi em 57 pra o Piauí, não é isso?

HU – 57. Mais ou menos em 60 eu vim pra supervisão, né? Agora, no Rio Grande do Norte. Depois eu fui... a diretoria do Nordeste, né, foi transferida de Natal pra Fortaleza, aí eu vou pra Fortaleza. Mas pegando esse grupo de estágio, né?

CF – E o que é que o senhor fazia como supervisor?

HU – Ah, fazia primeiro contato com os diretores regionais, locais, né, pra implantação de serviço. Quando ele dizia que tinha recursos, que tinha condições, etc., aí ia providenciar o quê? Compra de material, equipamento, seleção de dentista pra aquela cidade... seleção de pessoal auxiliar, treinamento desse pessoal. Geralmente o dentista a gente mandava pra um outro estado, né, um outro local pra fazer o treinamento... Aquele mesmo treinamento que eu fiz, né? Havia... o pessoal auxiliar participava de um mini curso que a gente dava, né? Pra fazer o trabalho de atendente e técnico de higiene dental. Então eu ficava primeiro fazendo a instalação de serviço, depois supervisão. Quer dizer, eu... três, quatro vezes por ano passava em cada serviço desses pra ver, né? Ou mais vezes, dependendo do caso.

CF – E essas pessoas todas eram pessoas das cidades contratadas pelos serviços locais. Não eram nunca funcionários do SESP.

HU – Não. Era...

CF – Continuava no mesmo município.

HU – Era do estado, contratado pelo estado. Por exemplo: Maranhão, ia no estado e contratava, né?

CF – Então manteve essa lógica que já tinha na época...

HU – Manteve essa linha. Enquanto Serviço Cooperativo de Saúde, né? Aí eu viajei muito por esses quatro estados, durante uns três anos e tal. Aí depois eu recebi um convite pra vir trabalhar aqui na superintendência porque, realmente, eu tive a sorte, né, de a expansão do serviço odontológico nessa região ultrapassava em todos os outros estados no Brasil, né?

CF – Em todas as regiões, né?

HU – Todas as regiões, exatamente. Então, quer dizer, o apoio dos diretores, etc., então eles davam um bocadinho de serviço e havia um acompanhamento em termos de produção, de produtividade, né, aqui na superintendência, né, e lá na regional. A superintendência avaliava o Brasil como um todo, né? E cada supervisor a sua área.

PE – Como é que era essa avaliação?

HU – Era avaliação...

PE – Era local e também...?

HU – Não, mensalmente, mensalmente...

PE – (??)...

HU – Não, mensalmente a gente recebia um relatório. Descritivo e estatístico, né? E a gente então ia ver a questão da produção. Em cima desse relatório a gente ia fazer a supervisão. Tanto que eu demiti um dentista porque ele estava... vamos dizer assim...

VB – Alterando...

HU – Alterando dados, né? (*PE fala algo*) Quer dizer, mapeando, né? E pelos dados estatísticos ele foi um pouco bobo, né? (*risos*) A gente viu que não podia ser daquele jeito.

PE – Estava atendendo mais gente que a população local, né?

HU – É! Não estava atendendo mais gente, ele estava obturando mais dente do que... (*risos*)

PE – Do que tinha na boca.

HU – Aí, quer dizer... Então tinha essas..., né? E quando a gente fazia supervisão, além de ver a parte de funcionamento administrativo, a gente chamava as crianças, né, quatro ou cinco crianças pra examinar, pra ver o tipo de trabalho que era feito, etc., né?

PE – E isso era uma prática, quer dizer, isso era uma... vamos dizer, uma doutrina do SESP, ou seja, essa prática de...?

HU – Era norma! A gente tinha manual, um manual de normas técnicas, né, que estava lá tudo escrito, né? Como você fazer esse treinamento. Porque você entrava... porque na realidade a Odontologia sempre primou pra preparar o clínico, né, trabalhar no consultório. E quando a gente entrava pra o SESP tinha que mudar a cabeça.

CF – A lógica era outra, né?

HU – A lógica era prevenção. E começar a ver a coisa diferente. Por que eu ia trabalhar na escola? Porque na realidade o problema cárie, ele começa quando o dente aparece na boca,

aí você tem a dentição (?) e tem a permanente. Todas são afetadas, mas qual é a mais importante? A (?) que é temporária ou a permanente? O problema é enorme, então vamos dar prioridade e atender primeiro o dente permanente. E a criança entra na escola aos 6, 7 anos, então é quando começa a aparecer a dentição permanente. Aí você vai atender o quê? 6, 7 anos, porque também não se tinha condição de atender dos 6 ao 14, todo mundo. Aí você se perde, né? Você não daria um acompanhamento lógico, sistemático. Então a criança ingressava no sistema aos 6, 7 anos e era acompanhada até sair da escola. Porque eu não podia pegar uma criança de 14 anos e fazer um trabalho inicialmente porque o volume de trabalho daquela criança ia atrapalhar todo esse... né? Então a gente trabalhava na escola visando o controle da cárie através do tratamento preventivo e curativo. E você observava o seguinte, que quando essa criança de 7 anos chegava aos 14 tinha uma menor incidência de cárie, né?

CF – Claro! (??)...

HU – Muito menor, porque além de receber a prevenção, recebia o tratamento, né? Então às vezes aos 14 anos não tinha nada pra fazer, né? Então era um negócio muito bem bolado. E aquilo estava escrito nas normas. Você tinha normas de execução, de avaliação... né? Eu tenho esse manual em casa. Então era... por isso foi uma grande escola, né? A fundação SESP nesse sentido.

CF – Em paralelo havia um investimento com... o SESP conseguiu também investir na área de tratamento da água através dos engenheiros, havia junto, houve...?

HU – Lá, por exemplo, lá em José de Freitas o grande benefício que a fundação fez, foi, né, instalar o sistema de abastecimento da água. Porque a mortalidade infantil era altíssima, né? Então, depois que começou a funcionar o sistema de abastecimento da água, aí caiu sensivelmente a prevalência de mortalidade infantil, a incidência...

CF – Deixa eu perguntar outra coisa, dr. Hélio. No Piauí o senhor deu o exemplo dessas duas cidades que o senhor trabalhou. O senhor tem noção assim de quantas cidades do Piauí, por exemplo, naquela época o SESP estava presente?

HU – Não, do SESP eu não tenho, mas eu posso dizer da de odontologia, né? Era... José de Freitas, Barras... muitas regiões (??)...

CF – Eram muitas cidades. (*falam juntos*)

PE – (???) considerando esses quatro estados, mais ou menos?

HU – Quanto tempo?

PE – Não. O senhor teve... (*HU fala algo*). Não. Quantas... nesses quatro estados, em quantas cidades havia serviço de odontologia?

HU – Quando eu comecei?

PE – É.

HU – No começo só tinha duas. Era José de Freitas, esse que eu deixei... e Maranhão, no Maranhão tinha Caxias.

PE – Três anos depois quando que o senhor saiu...?

HU – Deixei parece que umas quinze, mais ou menos, funcionando.

CF – Bastante coisa.

HU – E o diretor também dava um apoio muito grande. Acho que foi até mais de quinze! Acho que tenho que rever isso. Mas foi uma...

CF – E isso tudo em bloco, dr. Hélio? Quer dizer assim: tinha o trabalho de dentista, tinha o trabalho do engenheiro, tinha o trabalho da enfermeira, trabalho do médico... o SESP investia em bloco ou de repente numa cidade conseguia ter dentista, mas não conseguia ter engenheiro?

HU – Não, não, não era em bloco não. Isso...

CF – Isso variava, né?

HU – Variava. Variava. Por exemplo, José de Freitas, já dei esse exemplo. Agora existia outra cidade que não tinha ainda. Porque dependia muito também do prefeito, das condições locais, do interesse local, entendeu?

CF – Mas aí o prefeito podia ter interesse de investir no serviço de odontologia, mas não investia na área de engenharia sanitária? Não investia na água...?

HU – Não, às vezes era até... às vezes... não, não. Porque era um trabalho diferente envolvendo tudo, mas é lógico que isso aí tinha uma programação. Porque na realidade na Fundação SESP você tinha dois setores bens distintos: era o setor de engenharia e o de medicina, entendeu? Aí na medicina você tinha enfermagem, odontologia, parte médica, etc., trabalhando integrada. Agora, o setor de engenharia era separado. Tanto que lá em Fortaleza, por exemplo, você tinha a diretoria regional de Saúde que acompanhava esse trabalho na área de Saúde e tinha a diretoria regional de engenharia, em prédios separados, né?

CF – Ah, eram prédios separados?!

HU – Nesse caso eram. Já na Barra em Salvador, não, era tudo junto. Isso variava muito de um lugar para o outro. Aqui na sede no Rio você tinha a superintendência e você tinha a divisão de Engenharia e Divisão de Medicina, de Saúde, mas trabalhando no mesmo prédio, junto, né? Agora, sempre existia uma brigazinha entre engenheiros, médicos, sempre existia...

CF – Uma disputa...?

HU – ...uma disputa, sempre... (*risos*) a gente sempre observava isso. Agora, havia um interesse muito grande deles também de desenvolver isso. E a engenharia se envolveu muito na questão da fluoretação.

CF – É, é por isso que eu fico perguntando. Porque tem uma hora que o trabalho está vinculado, né, um ao outro.

HU – É.

CF – Então eles se envolveram na fluoretação...

HU – É, se envolveram sim. Havia um envolvimento grande. Agora, é lógico que também você encontrava às vezes uns caras que colocavam uma barreira e tal... sobre o negócio de fluoretação. “Não, primeiro a gente tem de tratar a água!” Não, lógico, primeiro tem de tratar a água, depois vamos fluoretar, né? (*falam ao fundo*)

CF – Teve muita polêmica em torno da fluoretação não teve?

HU – Não teve no SESP não, teve fora do SESP.

CF – Mas fôra chegando numa cidade...

HU – Aqui no Rio nós lutamos mais de 10 anos pra fluoretar a água do Rio. Eu participei muito disse porque fiz parte aqui de uma chamada Secretaria de Ciência e Tecnologia, numa época aí, não sei nem quem era o governador e lá a gente discutia muito a questão da fluoretação, né? E tinha o (*Fuad?*) que era do Guandu, um engenheiro, que era contra a fluoretação, começava a criar problema e tal... Era uma luta tremenda! Passamos aí uns 10 anos lutando. Mas finalmente se conseguiu. Agora não sei como é que está atualmente.

CF – É, mas isso é importante porque é um espaço onde tem uma interseção, né, ...

HU – Claro.

CF – ...entre o trabalho do engenheiro e da área médica...

HU – Não, mas a gente sempre... por exemplo, aqui na Fundação tinha um engenheiro só ligado na questão da fluoretação.

CF – Ah, é?! Só na parte...

HU – É. Bernardo (?), o nome dele, né? Ele só se envolvia... (*PE fala algo*) pesquisas, né, na área de fluoretação. Por exemplo, a gente antigamente se usava um sal: (*fluorcitrato?*) de sódio, né, que era importado e ele fez uma pesquisa com fluoreta, que é um mineral que você

encontra aqui, tem um montão de fluoreta, né? Ele fez lá em Colatina uma pesquisa nessa área de, usando a fluoreta, entendeu?

CF – Pra incorporar pra ser usada ao invés da... (*falam juntos*)

HU – (??) Não, depois o Brasil começou a produzir fluorcitrato de sódio e etc. e tal, mas ele, esse Bernardo fez esse estudo, esse trabalho aí muito... durou vários anos, né, porque era pegar a pedra de fluoreta, quebrar num cano de uma determinada dimensão, fazer com que a água passasse por ali, no contato dessa água com aquelas pedras de fluoreto aí acaba se desprendendo uma certa quantidade de flúor. Agora, precisava dimensionar o tamanho das pedras, a quantidade, a vazão da água lá no cano, etc. e tal... Quer dizer, um negócio muito trabalhoso. Mas...

CF – E isso chegou depois a ser aplicado?

HU – Teve em algumas cidades que chegou. Hoje eu não sei porque eu me afastei muito. Depois que eu me aposentei e entrei pra um outro esquema de vida, larguei muito essa área. Tive muita decepção depois que (??). Uma pesquisa que a gente fez aqui em Cabo Frio, eu estava fazendo uma pesquisa de fluoretação do sal de cozinha e foi a minha última decepção na vida profissional, né? Porque o prefeito lá de Cabo Frio dava todo apoio, a indústria do sal também, que é a Perina, né, mantém lá um sistema de fluoretação do sal igual a (?), né? E a gente estava trabalhando já há dois anos, né, ... isso foi no Governo Collor, por coincidência, não é que... (*ri*) coincidiu, aí quando o Collor caiu e entrou o grupo pra o Ministério que era contra o Collor e foi contra tudo o que apareceu no tempo do Collor, inclusive esse negócio. Quer dizer, só (??), quer dizer, porque pra colocar...

CF – Nem pararam pra pensar se era uma coisa importante...

HU – Não. Mas eles sabiam, que eu convidei... o rapaz que coordenava a odontologia na época, saiu também. Quer dizer, ainda estava entrosado com o Ministério. Agora, quem foi pra o lugar dele já foi com segundas intenções, né? E era meu amigo, foi meu conhecido. Aí, quer dizer, o caso foi o seguinte, que pra Perina colocar o flúor no sal precisava de uma autorização do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. Então o Instituto deu essa autorização. Como houve essa reviravolta, a primeira coisa que fizeram: cancelar essa autorização. Pronto, aí a Perina não podia mais colocar, foi tudo por água abaixo. Foram uns três anos de trabalho mais ou menos, de pesquisa e tal...

CF – Não houve como reverter isso, recuperar, ter novamente a autorização...?

HU – Não houve porque tudo foi planejado pra parar com isso. Eu não sei por quê. Quer dizer, eu acho que...

CF – Mas por que o senhor acha?

HU – Eu acho que foi questão política.

CF – Só.

HU – Só! Pura e exclusivamente. Porque eu conhecia o camarada que foi coordenar a me... inclusive a gente começou a trabalhar no SESC, que é uma outra história, por uma indicação minha. Esse Sérgio Pereira, né? Aí ele quando assumiu a direção do coisa... Mas foi só política, foi só porque era do Collor, na época do Collor, aquela história toda. E eu fiz até uma carta pra o... ministro, não sei se foi o Jamil Haddad...

PE – Haddad (???)...

HU – Tem essa carta lá em casa. Quando houve esse negócio, mandei uma carta pra ele, analisando a questão da fluoretação da água, que estava há 40 anos aí e não avançava... quer dizer, toda a problemática e agora que a gente estava fazendo esse estudo aí, quer dizer, experiência porque se colocasse flúor no sal – todo mundo come sal, né?! – o governo não ia gastar um tostão... Aí acontece isso. Mas não deram a mínima importância.

CF – E o sal do ponto de vista ele é melhor até porque se a gente for pensar na quantidade, o percentual da população brasileira que não tem acesso à água encanada, tratada...

HU – Exatamente!

CF – ...o sal atinge uma parcela muito maior!

HU – Claro, mas é claro! Mas é preciso ter um pouco de bom senso, né? (ri) E era uma pesquisa que a gente estava fazendo, entendeu? Aí inventaram que o sal estava aparecendo no Rio Grande do Sul, que ia dar (*florosba?*)... Podia tomar 10 anos aquela quantidade com água fluoretada que não dava, não aparecia florosa, por causa da quantidade, né? Sim, mas isso é uma outra história, aí...

CF – É, isso foi mais pra frente, né?...

HU – Aí eu me decepcionei, larguei tudo, né: odontologia, saúde pública e tal, etc. e comecei um outro caminho na minha vida.

CF – Não, mas ainda tem muita coisa pra gente falar. (ri)

HU – Então vamos lá.

CF – Vamos dar uma parada então... A gente retoma no próximo dia.

HU – Quando é que vocês querem...? (*interrupção da fita*)

*Esta fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 20 minutos do lado A)

Data: 25/11/2003

Fita 3 - Lado A

CF – Bom, vamos dar início então à segunda entrevista com o dr. Hélio Uchôa, hoje é dia 25 de novembro de 2003, estão presentes as pesquisadoras Cristina Fonseca e Verônica Brito. Verônica quer dizer a hora, né? 15 e 20. Bom, dr. Hélio, vamos retomar então a nossa conversa. Nós tínhamos parado no seu retorno ao Rio de Janeiro, né? O senhor falou sobre a sua passagem pelo Nordeste, pelo Piauí, pelo Ceará... no trabalho pelo SESP, né? E aí o senhor retornou ao Rio de Janeiro.

HU – É a superintendência da Fundação na época chamada, era administração central, livre central, né?

CF – Aí quando o senhor voltou pra o Rio de Janeiro o senhor voltou... continuou trabalhando na supervisão na área de...

HU – De Odontologia. Eu gostaria até de ressaltar a experiência, né, vivida na Fundação SESP, né? Primeiro foi uma experiência de campo, né, atividades a nível local, né, não só atividades clínicas como também administrativas porque a gente tinha que fazer relatórios, avaliar, etc., os serviços a nível local. Depois eu vim para nível regional, para supervisão e aí envolvia também atividades administrativas, né, epidemiológicas, fazia o levantamento epidemiológico, né, pra medir a necessidade de tratamento em cada cidade que a gente ia trabalhar, em crianças, escolares, pra fazer comparações posteriores, né, em termos de mudança do componente do índice que media a prevalência e incidência da cárie, que era o índice CPO.

VB – Já no Rio de Janeiro.

HU – Não, em nível regional...

VB – Ah, tá.

HU – ...nível regional. Então o que eu quero dizer é o seguinte, é que a gente teve uma oportunidade de aprender muito nos diferentes níveis, né, nível local, nível regional e depois quando eu vim para o Rio, aí comecei a vivenciar um trabalho a nível central que aí eu já coordenava os serviços odontológicos, né, a nível de Brasil, né? Quer dizer, eram três (VB *fala algo*) dentistas...

VB – Não, agora é que eu entendi, o senhor...

HU – É, exatamente. Eu vim de lá pra cá.

VB – Vinha fazendo o caminho todo...

HU – Exatamente. Isso foi muito interessante porque deu... uma bagagem, quer dizer, proporcionou um conhecimento e etc. nessa área da odontologia. E ao mesmo tempo que essas coisas estavam acontecendo a Fundação SESP tinha uma preocupação muito de treinamento de pessoal, né, em diferentes níveis. Aí aconteceu também do meu treinamento. Quer dizer, eu vim pra São Paulo fazer um curso que na época era chamado de Curso de Especialização em Odontologia Sanitária. Esse curso teve uma projeção internacional. Foi um curso que nasceu, vamos dizer assim, da experiência do professor Mário Chaves, quando ele estava na Organização Pan-americana da Saúde nos Estados Unidos, quer dizer, na sede, não sei se era Washington, né? E ele então coordenava na Organização Pan-americana da Saúde, a parte de odontologia, setor de odontologia. E ele então... ligações que ele mantinha em São Paulo com o professor Alfredo Reis Viegas e Luis Otávio Guimarães, esses professores eram da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, né, hoje é Faculdade de Saúde Pública, tiraram a Higiene, né? Muito bem, então eles montaram um curso de Odontologia Sanitária para a América do Sul...

CF – Foi o primeiro curso, né?...

HU – Não, não é...

CF – ...nessa área no Brasil?

HU – Era o único curso que funcionava no Brasil, agora, quando eu fui fazer já era o 2º ou 3º curso que...

CF – O senhor era da terceira turma.

HU – Mais ou menos, mais ou menos, né? E... então eu digo que era internacional porque tinha alunos da Argentina, colegas, né, do Chile, do Peru... eu posso recordar até, da Colômbia, né, Venezuela... Tinha dentistas de vários países da América do Sul e dentistas envolvidos com programas de odontologia a nível nacional, né, esses que vieram pra cá. Então...

CF – Não eram só do SESP, né?

HU – Não, não era só do SESP.

CF – Dentistas de várias instituições...

HU – Várias instituições...

VB – Em que ano foi esse curso?

HU – Esse curso que eu fiz foi em... 1961. Agora...

CF – Quanto tempo durava? O senhor lembra? Um ano?

HU – Não, esse curso não. Esse curso tinha uma carga horária... – você quer exatamente...?

CF – Não, só uma...!

HU – Olha, eram umas duzentas horas mais ou menos, por aí assim, aproximadamente, né?

CF – Aí, tá, aí o senhor foi fazer o curso...

HU – É. Quando eu estava já a nível regional lá na... no Rio Grande do Norte, aí eu vim fazer um curso em São Paulo.

CF – Aí depois voltou pra o Rio Grande do Norte de novo.

HU – Voltei pra o Rio Grande do Norte. Quer dizer, isso em 1961. O curso foi... é, exatamente em 1961. Eu fui pra o Rio Grande do Norte em 1960, né? Porque eu deveria ter feito esse curso antes...

CF – Ah, eu lembro que o senhor falou.

HU – Mas adoeci, peguei uma hepatite, etc., aí perdi o curso. Tive que esperar o ano seguinte, né?

CF – Eu lembro, o senhor contou isso.

HU – Então além desse curso de Odontologia Social, eu fiz também mais alguns outros cursos. Um curso também muito importante, agora realizado lá em São Paulo. Só houve um até hoje, que foi um Curso de Epidemiologia e Pesquisa Aplicada à Odontologia. Então foi um curso excelente...

CF – Também, esse curso também era oferecido lá em São Paulo na Faculdade de Saúde Pública.

HU – Na Faculdade de Saúde Pública pelos professores que davam Odontologia Social. Agora, esse curso teve uma característica diferente. Vinham professores dos Estados Unidos dar o curso aqui na parte de epidemiologia, e levantamentos epidemiológicos, né? Quer dizer, professores de renome, por exemplo, na área de periodontia, né, porque tem índices periodontais meio complicados pra você avaliar e etc., né? Então na época, nesse programa aqui que era financiado pela Fundação Kellogg, né, e ministrado, quer dizer, coordenado e etc. pela Organização Pan-americana de Saúde, houve só esse curso, né, de Epidemiologia e Pesquisa Aplicada. Esse curso também foi muito importante particularmente pra mim, porque logo que eu terminei esse curso, né, eu comecei... – aliás, até um pouco antes, né? – a dar aula na ENSP, né? Mesmo no SESP nós fomos convidados pelo Edmar Terra Blois, que era o...

CF – Ah, diretor da ENSP.

HU – Diretor da ENSP na época, né, convidava o pessoal do SESP, né? Ainda a sede era no Morro da Viúva...

VB – A sede da ENSP era no Morro da Viúva.

HU – No Morro da Viúva... As salas...

VB – Aonde é exatamente? Existe o prédio ainda?

HU – Não, era aquele prédio...

CF – Onde é o (IFF?).

HU – É, onde é o IFF, entendeu?

VB – Ah, tá.

HU – Agora, as salas de aula não eram ali, eram... Por exemplo, eu dava aula numa sala ali perto da Mesbla, aquela rua que tem – eu não me lembro no momento o nome... – transversal, que saía...

VB – Rua das Marrecas? Não.

HU – Rua das Marrecas. Saía de Evaristo da Veiga pra aquela Praça da República, não... aquela praça ali da... Cinelândia, né?

VB – Sei. Então as salas de aula eram ali na Rua das Marrecas ou só algumas? Algumas eram no prédio do IFF...

HU – Aí eu não sei. Eu não sei porque a gente era convidado e indicado: “Olha, você vai dar aula em tal lugar assim, assim, né?” Então a gente não tinha muita noção da... Eu pelo menos, não tinha.

VB – Então o ano que o senhor foi dar aula na ENSP foi o ano de 61.

HU – O ano que eu comecei, não. Eu comecei em 65.

VB – 65. O senhor... a primeira aula que o senhor deu na ENSP.

HU – 1965.

VB – Mas o senhor ainda era da...

HU – Ainda era da Fundação SESP.

CF – Mas deixa eu entender uma coisa, o senhor foi em 60 pra o Rio Grande do Norte, aí em 61 o senhor vai pra São Paulo fazer o primeiro curso de Odontologia e Especialização lá em São Paulo, aí o senhor voltou pra o Rio Grande do Norte depois...

HU – Voltei pra o Rio Grande do Norte...

CF – Aí depois é que o senhor vem de vez para o Rio de Janeiro.

HU – Não, depois eu fui pra Fortaleza, porque a diretora regional de Saúde do SESP...

CF – Era em Fortaleza.

HU – ...era em Natal e depois foi transferida pra Fortaleza. Aí nós fomos pra Fortaleza.

CF – E aí o senhor ficou em Fortaleza até que ano?

HU – Até... – deixa eu ver aqui – até 64.

CF – Ah, tá!

HU – Eu fiquei de 60 a 64.

CF – E aí quer dizer que o senhor estava em Fortaleza ainda quando o senhor retornou a São Paulo pra fazer o outro curso de Epidemiologia.

HU – Não, não. Porque o outro foi em 67...

CF – Ah, foi depois!

HU – Eu já estava aqui no Rio.

CF – Ah, então tá. Antes então... o curso vem depois, o senhor já tinha voltado.

VB – O senhor veio pra o rio em que ano? 60... e 5.

HU – 60... e 4.

VB – 64.

HU – É, 64.

CF – Aí o senhor retorna de vez de Fortaleza pra o Rio de Janeiro.

HU – Para o Rio de Janeiro.

CF – Aí fica trabalhando a nível central no SESP, não é isso?

HU – Exatamente.

VB – É e convidado pra dar aula na ENSP.

HU – Dar aula na ENSP. Quer dizer, eu fui convidado pra dar aula em vários outros locais, né?

VB – A ENSP era um deles.

HU – Esses locais... por exemplo, dei aula na Universidade Federal do Rio de Janeiro no curso de Enfermagem e Nutrição... da... curso de formação, né? Da Universidade, né, de...

CF – E como era isso...?

VB – E o senhor dava aula de quê? (??)

HU – Dava aula de administração epidemiológica serviços odontológicos, a parte de odontologia preventiva...

CF – Ah, tá! Administração de que, dr. Hélio?

HU – Serviços Odontológicos, né?

CF – Quer dizer, era um pouco pra orientar a enfermeira que no caso quisesse trabalhar como auxiliar do dentista...? Não.

HU – Não, era pra ter idéia de integração da equipe, né? Médico, dentista, enfermeira e tal... no trabalho de Saúde Pública.

VB – Como implantar e administrar esses serviços. Seria isso?

HU – Não era propriamente assim, implantar e administrar. Eram determinados passos importantes nessa integração. Principalmente em Higiene Preventiva, que era um trabalho que era feito e etc., para alunas de Enfermagem, alunas de Nutrição... Isso foi na faculdade de... Universidade Federal do Rio de Janeiro (*pigarro*) na UERJ, né?... Quer dizer, até antes disso, antes de dar aula na ENSP, eu já estava...

CF – Dando aula na universidade.

HU – Dando aula em outros locais. Que era até como treinamento, sei lá e tal, né? Eu nunca imaginei ser professor na minha vida, né? (*ri*)

VB – Ah, é?

HU – Nunca! Quer dizer as coisas na minha vida começaram a surgir e eu comecei a fazer, entendeu? Eu até usava muito o seguinte, quer dizer, porque tem criaturas que planejam a vida, né? Quer dizer, “Eu vou fazer esse curso, vou fazer aquele outro, vou fazer aquilo...” e eu não. A única coisa que eu planejei não deu certo, que foi ser militar. (*risos*)

CF – Era a única coisa determinada, né, que o senhor tinha.

HU – É. Aí foi que eu larguei e entrei em outro esquema. Agora, como foi que eu entrei nesse esquema? Por indicação, sugestão de um professor da área da Saúde, né? E a mesma coisa seguinte, eu não pensava em ser professor. Agora, com a experiência e tal de vida me etc., quando eu cheguei aqui, aí a equipe do SESP – é lógico que eu... porque trabalhavam uns três dentistas a nível central, tinha um chefe de setor e dois chefes de seção, que era eu e um outro.

CF – E quem eram os chefes?

HU – O chefe de setor era Paulo da Silva Freire. Era aquele que eu entrei naquela época...

CF – Eu lembro, que o senhor foi procurar com a indicação...

HU – É, exatamente. Era ele que era o chefe daquele setor. E tinha o Aldir Henrique Silva que era o... chefe da seção de Planejamento, né, de Odontologia, né?

CF – E o senhor era chefe da seção de...?

HU – De Odontologia Social, (?), né?

CF – Qual a diferença, dr. Hélio? (??)...

HU – A diferença era a seguinte: a dele era uma seção mais de planejamento e avaliação e a minha era de execução. Quer dizer, eu ia ver como estava o serviço, como estava funcionando... a parte de administração, né? Treinamento de pessoal, etc. e tal, né? E no fim se integravam, quer dizer, essas coisas se integravam.

VB – E o senhor entra pra ENSP mesmo quando?

HU – Aí com essa história de dar aula na ENSP, o Blois resolveu convidar... porque tinha um dentista que estava coordenando esse curso, esse curso que nós íamos dar aula já era curso de Odontologia Sanitária. Aquele curso de São Paulo já começou a ser dado aqui.

CF – Na ENSP.

HU – Na ENSP. Aí o Blois quis que esse curso fosse coordenado por um dentista do SESP, né? Foi quando eu fui colocado... Blois não! Aí já nessa época não era o Blois... Deixa eu ver, foi em...

CF – Em que ano foi isso? (*falam e folheiam papéis*)

HU – Eu vim para a Escola em 69.

VB – É?

HU – É. Em abril de 69, quando eu fui colocado à disposição da escola, né?

VB – Quem era o diretor?

HU – Era o Sebastião Duarte Barros Filho.

CF – É, mas o senhor começa a dar aula em 65 na ENSP.

HU – 65. Dar aula, mas ligado ao SESP. Eu ia lá, dava aula e ia embora, né?

CF – Continuava como funcionário do SESP. Em 69 é que o senhor se desliga do SESP, é isso?

HU – É, em...

CF – O senhor pede demissão do SESP?

HU – Não, não... (*CF fala algo*) Eu sou colocado à disposição, o SESP me colocava à disposição da ENSP. Então eu continuava recebendo no SESP e trabalhando na ENSP, né?

CF – Ah, entendi!

HU – Em 69. ...

CF – Mas aí isso é quando começa o primeiro curso de Odontologia na ENSP?

HU – Não, já estava havendo o curso de Odontologia. Já existia, entendeu?

VB – Quando o senhor foi dar aula lá em 65, né, a primeira aula que o senhor deu, o curso já era, foi o primeiro curso que teve ou antes disso...

HU – De Odontologia?

VB – Lá na ENSP...

HU – No (?), não. (*falam algo*) Tem isso aqui...

CF – Vou dar uma paradinha então. (*pausa na gravação*) Vamos retomar.

HU – É, realmente, em 1965 quando eu fui dar aula na ENSP já fui para um curso de Prática de Odontologia Sanitária. Curso de Odontologia ministrado pela Escola de Saúde Pública, né? Em 65. Aí eu fiquei dando, voltei em 66, né, voltei em 67, né?... Depois continuei, né? Em 60 e... e 7, eu já dei aula também pra a turma de Saúde Pública, quer dizer, Epidemiologia aplicada à Odontologia do curso de Saúde Pública...

CF – Isso em 67.

HU – Em 67. Foi aquele curso que eu fui fazer em São Paulo que a Epidemiologia Aplicada já me ofereceu subsídio pra...

CF – Pra o senhor poder dar essa disciplina específica...

HU – Do curso de Saúde Pública da ENSP, né? Mestrado inclusive.

VB – O primeiro curso na ENSP foi em 67?

HU – Foi em 67. A primeira turma foi em 67, né? Em 67 funcionaram duas turmas de mestrado na ENSP. Primeiro...

CF – Duas?

HU – Duas. Porque eu dei aula em julho para primeira turma e agosto para segunda turma no mestrado.

CF – Ah, tá! Quer dizer, em cada semestre entrou uma turma nova.

HU – Entrou uma turma nova.

VB – Em 1967, né? Depois de 68 também, depois termina, né?

HU – É. 68 eu fiz o curso de mestrado.

VB – Ah, é?! O senhor...

HU – Já em 68 foi uma turma só do curso, né? E eu fiz... Aliás, foi uma turma revolucionara, essa de 68.

VB – Ah, é?!

HU – Tinha uma turma Eduardo Costa, vocês conhecem, né?

CF – Conheço! Nós vamos entrevistá-lo também.

HU – É, pois é. Eduardo Costa... quer dizer, tinha um grupo do Rio Grande do Sul, alunos, né, tinha um grupo da Bahia que fez um movimento na Escola – nessa época o professor, o

diretor, acho que era o... Como era o nome dele, meu Deus?... ... Osvaldo Costa, né? Parece que era Osvaldo Costa sim. Osvaldo Lopes da Costa...

CF – Quem eram os alunos dessa época? Quem eram seus colegas, os alunos do mestrado? O senhor estava falando que tinha uma turma muito...

HU – Era o Eduardo...

CF – Quem mais o senhor lembra?

HU – Tinha... – deixa eu ver aqui, talvez... – me lembro muito do Eduardo porque fiquei ligado a ele depois lá na Escola.

CF – Da Bahia quem veio? O senhor falou que tinha um grupo da Bahia.

HU – Tinha, tinha uns três da Bahia, mas no momento não lembro o nome deles não. O Eduardo vai lembrar, viu? Ele era muito ligado a essa turma aí, sabe?

CF – E o senhor fala que essa foi uma turma especial por que, dr. Hélio?

HU – Ah, turma especial porque reivindicavam uma série de coisas. Uma delas era não querer assinar... quer dizer, porque tinha lá um sistema de presença, a gente chegava colocava uma carteirinha na escola, quer dizer, cada um tinha uma carteirinha de aluno do curso de mestrado e tinha lá a secretaria acadêmica que fazia o registro da presença dos alunos. Em vez de assinar a lista, a gente chegava lá e colocava a carteirinha num determinado local. Aí eles começaram a criar caso que não queriam trazer a carteira, aí traziam o diploma e... (*risos*)

VB – Eram rebeldes.

HU – Rebeldes. Mas (*isso tudo bem?*) e tal, né? Porque na escola tem muita coisa interessante, quer dizer, eu não sei se vocês sabem que a escola já, quer dizer, teve um momento que dava hospedagem aos alunos. Lembram, sabem?

VB – Não.

CF – É, alguém já falou isso pra gente. Eu acho que foi a Lisabel que comentou isso.

HU – Pois é. Você tinha um andar que era só alunos do sexo masculino, o outro andar era alunas.

VB – Sei, naquele prédio que hoje em dia é...

HU – Naquele prédio mesmo.

VB – Porque eu tenho aqui que as obras do prédio se iniciam em 65. Em 69 o prédio já estava pronto?

HU – Não em 68 já teve... 67 (*falam ao mesmo tempo*) ...teve. Não, não eram as obras do prédio, era o término do prédio. Porque aquilo era um esqueleto. Eles iam... (*falam ao mesmo tempo*) o projeto era eles construírem um hospital ali.

VB – Tinha o esqueleto de edifício abandonado.

HU – Um hospital. (*falam algo*) que era do governo. Aí adaptaram pra escola.

CF – Mas até 66 os cursos eram lá...

HU – Eu não sei, quer dizer, foi em 66 que eu dei, né, que eu falei aqui?

CF – É, o senhor falou era na Rua das Marrecas, no Morro da Viúva...

HU – É... é. Porque eu lembro o seguinte, que quando eu fiz o curso Odontologia... de Saúde Pública, de mestrado, né, ...?

VB – Mestrado em Saúde Pública o senhor fez em 68, né?

HU – É, 68. 67 já houve o primeiro curso de mestrado, não é?

CF – Hum, hum. Já foi lá dentro do campus da Fiocruz.

HU – Já foi na ENSP, né? 67. Então eu acredito que a escola deve ter ido pra lá em fins de 66, por aí assim, 67.

CF – Fala mais um pouquinho, dr. Hélio, sobre esse período que o senhor estudou em 68, essa turma... Quem eram os professores? O senhor lembra dos cursos que o senhor teve?

HU – Arlindo Fábio da Luz, (*ri*) Arlindo Fábio... Tinha... eu lembro muito, quer dizer, tinha da área de Ciências Sociais, que era a Acássia que era minha esposa, né, quer dizer, a Acássia, o Arlindo...

VB – Acássia...

HU – Acássia Rocha Mendonça. Arlindo Fábio, né? Que hoje ainda (*ri*) tive com ele naquele dia... com vocês. Tinha...

VB – Eduardo Costa...

HU – Não, Eduardo Costa era aluno.

VB – Ah, tá!

HU – Esses eram professores.

VB – Ah, eles eram professores!

HU – Professores.

VB – Tá certo.

HU – E tinha Lenita Peixoto de Vasconcelos...

CF – Essa a gente vai entrevistar (??)...

HU – Era da área de Ciências Sociais. Agora, na área de Ciências Biológicas, né, você tinha o Hermann (*Shatmeyer?*), (*ri*) tinha Luis Fernando – na área de Ciências Biológicas, né? – na área de Epidemiologia é que eu não lembro o nome dos professores não. Não, Epidemiologia eu lembro: (*Joir... Joir Pontes?*), se não me engano, né, de Epidemiologia. De Estatística é que eu não tô lembrado quem era. Quem mais? Epidemiologia, Estatística, Administração... era parece que o Mario Chaves, né?... E às vezes alguns professores convidados pra dar aula na Escola, né?

CF – E o curso durou quanto tempo?

HU – Ah, durou um ano. Eram mil e tantas horas, né? Foi um ano de curso! Foi um curso também muito interessante, sabe? Meio tumultuado assim por causa da turma, que havia um movimento e tal. (*pigarro*) Depois nós fomos parece que... eu acho que foi nesse curso de mestrado, fomos a Brasília fazer um trabalho de curso, trabalho de campo, né?

CF – Em Brasília?

HU – Em Brasília.

CF – Pra o trabalho de mestrado.

HU – É, trabalho de mestrado.

VB – Bom aí o senhor entrou na ENSP em 60 e...? O senhor já falou, tô perguntando outra vez (??)...

CF – Só um instantinho, Verônica. Aí o senhor concluiu, acabou o mestrado. O mestrado durava só um ano, dr. Hélio... Aí o senhor fez uma tese...?

HU – É, uma tese...

CF – Sobre o que foi sua tese? Sobre o que foi a sua tese, o senhor lembra? (??)

HU – Eu acho que foi sobre administração do serviço odontológico, a tese, né? Aí eu terminei o curso de mestrado e voltei para o SESP, tá? Voltei ao SESP.

CF – Então em 69 o senhor retornou ao SESP.

HU – E... Não, em 68, 69, fim de 68. Porque eu estava só fazendo o curso, terminei o curso voltei para o SESP. Agora quando foi em 69 eu fui para a Escola, cedido, né? Em abril de 69.

CF – Ah, tá! Aí o senhor ficou lá mesmo de vez pra poder fazer parte do corpo docente da escola.

HU – É, eu fiquei lá responsável pela disciplina de Odontologia Social e coordenando o curso de Odontologia Social. Bom.

CF – Fala um pouquinho pra gente como é que era a ENSP nessa época. Porque a gente conheceu a ENSP num outro período, numa outra... Porque o prédio é muito grande. O prédio era todo ocupado... qual foi... tinha muitos alunos... mais ou menos, como é que era o movimento da escola...?

HU – Não, ele... o prédio, como eu falei pra vocês, ele tinha dois andares que eram de hospedagem pra alunos, pra alunos de mestrado, né? Quer dizer, eu acho que foi em 67, esse primeiro mestrado, né? Alunos e alunas em separado. Eu acho que era, se não me engano, o 6º e 7º ou o 7º e 8º ... Quantos andares tem?

CF – São nove.

HU – São nove. Eu acho que eram os últimos andares, entendeu? Agora, tem muitas histórias...

CF – Mas tinha muita gente? Quantos alunos tinham, mais ou menos, em cada turma?

HU – Ah, não lembro!

CF – Eram muitas turmas? Muitos alunos?

HU – Era... era... a solicitação era grande, né? Inclusive lá na ENSP esses alojamentos eram... cheios, né, tinha uma quantidade de alunos grande, né? Agora, é lógico que nessa época existiam alguns espaços vazios. Porque a escola foi pra lá, o Blois, se deve a ele um esforço muito grande, né, de ter levado a Escola pra ENSP. O Edmar Terra Blois realmente era um administrador assim... exigente, né? Ele...

CF – Ele é que foi o responsável pela saída lá do Morro da Viúva pra vir pra...

HU – É. Ele era o diretor lá no Morro, ele é que fez todo o trabalho junto ao Ministério da Saúde em Brasília, que lutou pra levar a Escola pra Manguinhos. E, inclusive, tinha muita gente contra porque ia sair do centro da cidade pra ir pra Manguinhos, né?... E ele era um camarada incansável, realmente, o Blois. O trabalho dele na ENSP foi, ele se dedicava

mesmo àquilo lá, viu? E... aí depois ele foi substituído por questões políticas, sei lá, porque mudou o governo, mudou isso... Porque sempre tem essas coisas, né? Aí muda...

CF – É. Ainda mais naquela época.

HU – Pois é. Aí vem esse Barros Filho, né? Aí eu fui pra escola e eu sei que logo depois eu tive que sair do SESP. Aí eu fiquei no quadro da escola, né?

CF – Ah, é?! Por quê?

HU – Eu fui promovido a professor titular, eu, Elza Paim, Sinamon... entendeu? Quer dizer, nós éramos elementos do SESP, colocados à disposição da escola, né?

VB – E em que ano o senhor... o senhor entra pra o quadro da ENSP? O senhor falou agora.

HU – Eu acho que foi logo um ano depois, né?

VB – 70?

HU – É. Porque em 70 nós fomos promovidos a professor titular, né? Em 70 e aí parece-me que foi exigido o nosso desligamento do SESP, né, passar pra o quadro da ENSP, né?

CF – Entendi.

HU – Em 1970. Aí eu passei a fazer parte integral da ENSP, do quadro e tal. E durante esse período na ENSP eu fui coordenador de vários cursos, né, além de Odontologia Social eu coordenei outros cursos e principalmente o Programa de Descentralização do Curso Básico de Saúde Pública, né?

VB – É... Foi um programa importante.

CF – Em que ano começaram os cursos centralizados?

HU – Em 1976.

CF – 76. E nesse período, antes dos cursos descentralizados, entre 70 e 76, o senhor estava dando aula nos cursos de mestrado...

HU – Mestrado, Enfermagem em Saúde Pública, Engenheiro de Saúde Pública, Odontologia Social... quer dizer, coordenava o curso e tal, né?... *(interrupção da fita)*

Fita 3 - Lado B

CF – (??)... eram os cursos voltados pra determinadas atividades profissionais, é diferente, por exemplo, do que tem hoje, né? Porque a gente tem o Curso de Saúde Pública que tem todo mundo lá, tem enfermeira, tem engenheiro, né, ... tem psicólogo, tem nutricionista, né? Nessa época, pelo que o senhor está falando, tinha cursos voltados pra especializações profissionais. Era separado... tinha essa separação.

HU – É, tinha curso... é, exatamente. Quer dizer, naquela época existia o Curso Básico de Saúde Pública que era oferecido a dentistas, médicos, enfermeiras... basicamente, né? Um curso básico de Saúde Pública.

CF – Ah, então estava todo muito junto lá.

HU – Todo mundo junto. Agora, além desse curso existia um curso para... Odontologia, um outro curso para engenheiro de Saúde Pública...

CF – Tinha outro pra enfermeira também?

HU – Tinha um outro pra enfermeira, né?

CF – Ah, tá, interessante! E o que é que diferenciava, o que é que faria um dentista optar pelo curso de Saúde Pública ou pelo curso de Odontologia...?

HU – Não, o curso de Saúde Pública dá uma visão mais ampla. O curso de Odontologia, curso de Especialização em Odontologia Social, vamos dizer assim, aprofundava muito conhecimento na área de administração e planejamento odontológico, especificamente, né? Educação odontológica, né, parte de educação em saúde, né? Então aprofundava. Enquanto que essa disciplina num curso de Saúde Pública, ela era, dava conhecimentos básicos, né, não entrava em profundidade.

CF – Por exemplo, um dentista que fizesse só o Curso Básico de Saúde Pública. Ele saía dali com essa especialização em Saúde Pública e ele ia trabalhar aonde, por exemplo?

HU – ... Não, ele...

CF – Num posto de Saúde?

HU – Não, ele geralmente era dentista que trabalhava a nível central ou regional no estado, né? Por exemplo, quando ele estava chefiando um setor de odontologia numa secretaria estadual de Saúde, né?

CF – Hum, hum, entendi.

HU – Aí era... agora, o curso de Odontologia Sanitária ou Social pra esse dentista era mais importante porque ele, vamos dizer assim, aprofundava mais. Quer dizer, tinha uma parte prática muito importante, né, de trabalho de ponta...

CF – De planejamento, né?

HU – ...planejamento e tal... aprofundava mais, né, o treinamento. Então pra ele, quando ele chegava a nível central de uma secretaria de Saúde, ele levava já uma bagagem nessa área mais específica, pra ele, né?

CF – E normalmente a tendência era o quê? Era fazer o Curso Básico e depois o de Odontologia, Especialização ou fazia só um ou outro?

HU – Normalmente fazia primeiro... não digo que normalmente, o problema é que a clientela, por exemplo, nós demos esse curso de Odontologia Sanitária como eu falei, para uma clientela específica do SESP, aí vieram dentistas a nível de coordenação central do SESP, né, do Brasil inteiro. Aí nós aqui demos o curso e depois do curso. Aí fizemos um seminário, não me lembro se foi de um mês, etc., pra discutir as normas que deviam ser implantadas no SESP, né?

CF – Quer dizer, pra esse grupo não cabia fazer um Curso Básico de Saúde Pública.

HU – Não, exatamente, né?

CF – Entendi mais ou menos...

HU – E aqui, por exemplo, a gente abria um curso de Odontologia Sanitária ou Social, né, abria pra o Brasil inteiro e aí o pessoal se candidatava. Agora, a gente na hora da seleção, ia dar prioridade a quem estivesse ligado a algum serviço. Se o sujeito não estivesse trabalhando, ele poderia até fazer o curso, mas se não tivesse... se tivesse vaga sobrando, né? Se não tivesse, a gente ia dar prioridade aos elementos que estivessem atuando a nível de secretaria estadual ou municipal, né? Ou em alguma instituição federal, municipal ou estadual, né? Quer dizer, a algum órgão que estivesse, né?

CF – Pra ele poder interferir, né, e reproduzir...

HU – Exatamente, né? Porque a nossa preocupação era muito em cima da parte epidemiológica e de odontologia preventiva, né? Porque na realidade, quando a gente está na faculdade aprende a curar, a tratar a parte clínica, mas a parte preventiva é muito fraca. Eu não sei hoje, pode ser que tenha melhorado. Acho que nem melhorou! Porque isso é uma outra história. Então a gente dava muita ênfase à parte preventiva, né? Levava o pessoal pra visitar... A Fundação SESP era o modelo, até pra esses cursos em São Paulo. Aquele curso que eu fui fazer, a parte prática, toda ela era feita na Fundação SESP. Aimorés...

CF – Lá de Aimorés...

HU – Aimorés, Baixo Guandu e tal. Então o pessoal ia pra lá. Quer dizer, esses alunos internacionais e etc., tinha uma parte de trabalho lá.

CF – Quer dizer, na realidade o senhor atribui ao SESP... a... matriz da prevenção em Odontologia, o senhor atribui isso ao SESP. O SESP teria sido o fundador dessa lógica da prevenção...

HU – É. E aí a mola que impulsionou isso foi o Mário Chaves, né? Quer dizer, ele foi que trouxe toda essa história. Inclusive tem até um livro dele “Odontologia Sanitária”, de Mário Chaves, hoje em dia é “Odontologia Social”, né?

CF – Mas isso perdura então. Quer dizer, ao longo desses anos o senhor já está na ENSP... Quer dizer, como é que se dá essa relação, entre a ENSP e o SESP? Tinha esse tipo de colaboração como tinha em São Paulo, tinha aqui?

HU – Tinha.

CF – ...Na ENSP. Os alunos da escola de Saúde Pública terem contato com o trabalho do SESP?

HU – Tinha... e fazia, viajava pra o interior, né? Quer dizer, a gente tinha um programa de campo com esses alunos no interior. Aimorés e Baixo Guandu e mais recentemente até aqui no Estado do Rio, que o SESP começou a atuar...

CF – Aonde?

HU – É... ... Silva Jardim, se não me engano, alguns municípios aqui da... né? Ele tinha, o SESP estava com, acho que uns dois ou três programas de Odontologia Escolar, né, aqui nessa região, então resolveu levar os alunos pra lá pra poder...

CF – Pra conhecer o tipo de trabalho.

HU – Conhecer o tipo, exatamente, né?

CF – E dentro... eu perguntei isso ao senhor na semana passada, e o senhor falou com relação a época que o senhor estava trabalhando no Piauí, e dentro do Departamento Nacional de Saúde, tinha algum convênio também? Alguma relação nessa época já, agora, a partir de 70, não? ... Não tinha nenhum contato.

HU – ... Não tinha nenhum contato.

CF – Porque no caso já era Ministério da Saúde. Em 70 já tinha outra estrutura. Já é...

HU – É. Quer dizer, na área de Odontologia...

CF – Não, né?

HU – Não. Começou, eu acho que essa integração... Porque na realidade o contato devia ser com o setor de odontologia do Ministério da Saúde, né? Mas me parece que nessa época não

existia. Existia era algo ligado ao Conselho Federal de Odontologia, compreendeu? Não tinha... Depois foi criado um setor de Odontologia lá no Ministério. Não sei que ano foi criado isso não, né? E isso daí foi o que atrapalhou uma pesquisa que eu estava fazendo aqui no Estado do Rio.

CF – É, o senhor falou. Em Cabo Frio, né?

HU – Cabo Frio, uma... sobre fluoretação do sal de cozinha.

CF – Mas isso foi mais lá pra frente, né, foi em 90. Depois a gente vai falar sobre isso.

VB – Bom, e qual era a estrutura da Escola nessa época?

HU – Olha, eu lembro o seguinte, você tinha o ... a direção da Escola, quer dizer, o diretor, eu não lembro bem em que departamento, né? – que tinha departamento de Administração e Planejamento de Saúde, Departamento de Epidemiologia, Departamento de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Biológicas, Departamento de Estatística, Epidemiologia e Estatística, né? Acho que era isso. E tinha uma chamada Secretaria Acadêmica. Secretaria Acadêmica que acompanhava toda a questão do aluno. Ela preparava toda..., né, (??) curso você planejava, né, e depois recebia ajuda da Secretaria Acadêmica em termos de tomar presença de aluno, acompanhar o aluno, né? Saber quem faltou, quem não faltou... Não era o professor que fazia isso, era a Secretaria acadêmica. Depois pedir... quer dizer, tinha uma... avaliação, a Secretaria Acadêmica que fazia composição da história, né? Quer dizer, toda a parte administrativa do curso era feita pela Secretaria Acadêmica, até expedir o certificado, o diploma oficial.

VB – E era o... – como era o nome dele?

HU – O chefe da Secretaria Acadêmica era o Ulisses...

CF – Ah, é, Ulisses! (???)

HU – E tinha o Humberto que trabalhava com o Ulisses, né?

VB – E o Humberto.

HU – O Dalton também trabalhava com Humberto, Ulisses, entendeu?

VB – E o senhor foi... (????) ...

HU – É. E aí...

VB – Que são importantíssimos, né?

HU – É. Quer dizer, aí eu tenho uma outra história, quer dizer...

VB – Como é que isso tudo acontece, surge essa idéia...?

CF – Começa o primeiro curso em 76. É isso, dr. Hélio?

HU – O primeiro curso é em 70 e... .. 76. Quer dizer, 70... primeiro é o seguinte, a direção da escola reuniu o corpo docente porque a direção começou a observar o processo, como é que tudo isso acontece, né? Começou a observar a demanda de candidatos do Brasil inteiro para esse Curso Básico de Saúde Pública, esse curso de Saúde Pública, entendeu? Tinha muita gente, muitos candidatos e estava vendo o despertar dos estados para esses cursos. Secretaria de Saúde e tal mandando e sempre sobrava muita gente. Aí surgiu a idéia de descentralizar o curso. Então a direção da Escola fez primeiro uma reunião, um seminário com os professores da ENSP, né? Depois ele fez um outro seminário com o corpo docente e mais representantes da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul, do Pará, da SUDAM, né, ... que eu lembre, assim no momento, vieram essas pessoas aqui pra se discutir essa questão da descentralização do curso, né? Aí foi aprovado...

CF – Quem custeou isso, foi a direção da escola que custeou esse projeto?

HU – Direção... que eu lembre, quer dizer, que eu tenho idéia foi que foi a direção...

VB – E essa descentralização, ela se inicia em 66?

HU – 76.

VB – 76. 76 e não 66.

HU – É. Não! Sete, meia. Sete meia, né? Mas eu lembro-me vagamente que eu ainda viajei... visitando alguns estados, algumas secretarias de Saúde, quer dizer, contato com secretários de Saúde, pra sondar o interesse deles na... na descentralização do curso, né? Houve primeiro um diagnóstico, né, aí quando foi, quer dizer, a direção, quer dizer, o corpo docente, aprovou a idéia e etc., aí partiu para estruturar o curso, né? Porque não podia ser um curso com a mesma carga horária do curso de Saúde Pública. Aí foi chamado “Curso Básico de Saúde Pública”, que foi diminuindo a carga horária, quer dizer, diminuiu a carga horária e...

VB – O Curso Básico então surge... ah, tá.

HU – Surge nesse momento, né? Que era Curso de Saúde Pública.

VB – É.

HU – Depois é que o Curso Básico foi exatamente nessa época que surgiu.

VB – Porque aqui eu tenho que foi... os cursos foram hierarquizados, não é isso?

HU – Deve ser isso.

VB – Né? ... “Preparação hierarquizada dos cursos com realização de três cursos básicos: em Belém do Pará...

HU – Rio Grande do Sul...

VB – Porto Alegre... e um na sede da ENSP para os candidatos da Federação de outras regiões.” Tá certo?

HU – É.

CF – Dr. Hélio, quem era o diretor da escola nessa época? Quer dizer, quem puxou isso, essa discussão... 76...

HU – É, tem que ver, eu não lembro não... Eu não sei se foi o...

VB – Eu deveria saber, mas não sei.

HU – Tem aqui... Me parece... tem um levantamento aqui dos diretores... porque foram vários, né?! 76, né?

CF – É...

HU – Me parece que era Osvaldo Lopes da Costa.

CF – O senhor está falando que a escola é que teve essa iniciativa, que teve...

HU – É... Não, porque ela sentiu...

CF – ...a necessidade...

HU – ...a crescente demanda de candidatos dos estados, né? E que não dava pra atender tudo. Aí houve essa idéia de descentralizar.

CF – E aí o senhor viajou pra fazer esse diagnóstico, né?

HU – É.

VB – Houve alguma resistência a essa proposta, foi uma coisa polêmica ou...?

HU – Não... não, que eu lembre...

VB – ...foi, ocorreu...?

HU – Que eu lembre não. Foi uma coisa tranqüila, quer dizer, que..., né? Porque eu tenho aqui o seguinte: em 65, o diretor da Escola era Osvaldo Lopes da Costa. Em 76 era Joir Gonçalves da Ponte. Mas acho que foi com Osvaldo que eu visitei, né?

CF – Ah, o senhor viajou com... o diretor da Escola.

HU – Diretor da escola. Quer dizer, esse primeiro contato, né, foi... Aí teve uma experiência também muito rica durante esse período, quer dizer, nove anos que eu passei quase nove anos juntos, né?...

VB – Nove anos!

CF – E por que é que foi o senhor, dr. Hélio? Por que... o senhor...

HU – Me escolheram... me escolheram! Não sei por quê! Até hoje não sei por que não.

CF – Será que a sua experiência no SESP não pesou nisso? O fato de o senhor ter viajado...?

HU – Eu acho que os outros não quiseram, viu, aí sobrou pra mim. (*risos*) Quer dizer, eu fui convidado e aceitei, né? Porque eu sempre gosto de desafio, né?

VB – É... a gente viu pela sua... (*CF fala algo*) pelo seu relato que isso está certo, né?

HU – Eu acho que os outros não quiseram, né? Porque na realidade era preciso alguém que tivesse assim muita dedicação a isso. Porque eu viajava, às vezes, passava quinze dias fora de casa, viajando... quando, realizando 96 cursos, quer dizer, no meu período, né?

VB – 96 cursos?

HU – É. De... de... 76 a 85...

CF – Nove anos, né, que o senhor falou.

HU – ...foram realizados 96 cursos.

CF – Mais de dez anos, né?

HU – É. Quer dizer, é lógico que no início foram dois descentralizados, depois aumentou. Quer dizer, teve uma época que tinha dez, quinze cursos, né?

VB – E o curso que era ministrado, quer dizer, era o curso básico que era dado...

HU – Curso básico.

VB – ...a nível de Brasil todo, não é isso?

HU – Era, aí, quer dizer, nessa ocasião se definiu o currículo do curso básico, né? Disciplina, carga horária, conteúdo das disciplinas, né? Aí, quer dizer, o que é que acontecia? A gente ia num estado a secretaria que estivesse interessada em dar o curso, então a gente tinha que

fazer o diagnóstico local, quer dizer, primeiro as condições de pessoal pra coordenar o curso e o pessoal da secretaria, né? Então o pessoal pra, vamos dizer assim, tocar a secretaria do curso. Porque tinha trabalho, precisava ter...

VB – Tinha que haver estrutura local, né?

HU – Estrutura local, né? Aí ter condições físicas, né, salas de aula. Onde é que vai se realizar o curso? Aí a gente entrava às vezes em contato com a universidade, né, Secretaria Estadual de Saúde, universidades, essa integração, né, e depois ver professores locais. Porque era muito importante, quer dizer, aí você não podia assumir... tudo, né? Então o que é que se fazia? Quer dizer, a gente selecionava professores da Universidade ou até da Secretaria Estadual de Saúde que tivesse feito o curso aqui no Rio, que já tivesse uma experiência na área, por exemplo de epidemiologia... trabalhasse ou chefiasse aquilo lá, etc. e tal, né? Então você já fazia esse diagnóstico também... do corpo docente. Aí pegava esses professores, fazia seminário, levava professores aqui do Rio e a gente ficava uma semana discutindo...

VB – São seminários de avaliação?

HU – Não, era pra instalar o curso.

VB – Ah, era pra instalar.

HU – Pra instalar o curso a gente tinha que tomar essas providências, né? Quer dizer, aí pra... promovia um seminário com os docentes locais e os daqui.

CF – Fazia o seminário com os professores...

HU – É. Identificadas as condições locais: espaço físico, pessoal... pra coordenar o curso. E o corpo docente, aí a gente fazia o seminário pra discutir o programa, discutir a disciplina, né, conteúdo e etc., cada um na sua área e tal. Quando faltava professor local, então nós levávamos daqui pra dar aquela disciplina. Aí o professor ficava lá uma semana, quinze dias, etc. dando aquela disciplina, né?

CF – E esse programa de curso, ele variava de cada região pra região? O senhor está falando que definia junto com os professores locais... Ou era sempre o mesmo? Rio Grande do Sul era o mesmo do Rio Grande do Norte?

HU – Não, a gente era... Não, o programa era o mesmo, né? O programa básico era o mesmo. Agora, é lógico que você podia ter algumas adaptações de acordo com a situações locais, entendeu? Isso era discutido com o professor da disciplina daqui com o de lá. Essas adaptações, não é? Agora, o importante também se ressaltar é o seguinte, que durante esse processo de nove anos, nós realizamos seis seminários de avaliação dos cursos aqui no Rio. Então vinham os coordenadores do curso, funcionário no ano, né, aqui para o Rio e a gente ficava uma semana discutindo aspectos administrativos, docentes, avaliação e etc. etc., né? E...

CF – Cada estado tinha um coordenador lá, de curso.

HU – De cada estado, cada curso...

CF – Quer dizer, cada estado que tivesse o curso, né? Tinha um coordenador.

HU – Tivesse o curso tinha um coordenador. Inclusive eu ainda tenho aqui o... a relação...

CF – Dos professores, dos coordenadores, dr. Hélio?

HU – Não, não... dos cursos, dos coordenadores lá.

CF – Ah, é?!

HU – Relação dos endereços dos cursos de Saúde Pública. (??) (ri)

CF – Ah! Isso é bom, isso é importante.

HU – Posto em Rondônia, né, Manaus, né, com o nome dos... (Sotero?), eu e Socorro e tal, né?...

CF – Ah, legal... .. Normalmente esses coordenadores tinham feito o curso aqui na ENSP.

HU – Normalmente tinham feito o curso. (VB fala algo) Quer dizer, não...

CF – Não necessariamente.

HU – ...não necessariamente. Por exemplo, no Ceará, por exemplo, o coordenador do curso no Ceará era um professor titular de administração, sei lá, etc., né? O Ernesto. Ele era já um... porque era uma parte mais administrativa. Não precisava nem... era só, a gente orientava, né? Ele era só pra ver, acompanhar a parte administrativa, porque era tudo orientado aqui, a parte docente, etc. (??) que era feita, né, quando não ia, o professor que ia daquela disciplina, quando havia necessidade, né? ...

CF – Dr. Hélio e o Curso Básico, o Curso de Saúde Pública, que existia antes do Curso Básico, ele continuou a existir na ENSP ou não?

HU – Continuou.

CF – Porque aí o senhor fala “a partir do momento que se criam os cursos descentralizados se estabelece um formato que é chamado de Curso Básico de Saúde Pública”.

HU – Saúde Pública.

CF – Que é diferente daquele que tinha antes que era o Curso de Saúde Pública, não é?

VB – Mas o curso de Saúde Pública permaneceu.

HU – Permaneceu.

CF – Permaneceu, além do básico.

HU – É, eu acho que permaneceu... me parece, eu não tenho certeza, mas com essas modificações. Porque a gente não podia dar um Curso de Saúde Pública que era diferente do outro que estava lá.

CF – Pois é, por isso é que eu estou perguntando. Então, aqui também, quem fazia o curso aqui na ENSP também...

HU – Era esse diploma que recebia.

CF – Aí virou também curso básico aqui.

HU – É. *(falam juntos)* E aí já tem o mestrado.

VB – Ficou tudo com o mesmo nome, porque o Curso Básico... ah, porque aí já tinha o mestrado...

HU – Só que o coordenador do curso daqui do Rio não era eu. Quer dizer, eu não tinha que ver com o curso daqui. Tinha um coordenador específico pra o curso aqui do Rio, entendeu? Não era sob minha coordenação.

VB – Sim. Tinha o coordenador e o senhor era coordenador desse...

HU – Dos outros, desses descentralizados.

VB – Certo.

CF – Agora, deixa eu lhe perguntar outra coisa. Em São Paulo tinha esse tipo de relação, tinha curso descentralizado em São Paulo, não?

HU – Em São Paulo tinha o Curso de Saúde Pública...

CF – Tinha o lá da faculdade, (?)...

HU – ...tradicional, né? Ah, se tinha um curso, não, né?

CF – Desse formato, né? Secretaria (??)...

HU – Foi um dos estados que não se fez o curso porque não precisava, né?!

CF – Não, porque podia ser uma cidade do interior de São Paulo, de Ribeirão Preto. Secretário de Saúde de Ribeirão Preto.

HU – Não... não. Porque o paulista é muito... bairrista, né?

CF – Aí ia direto pra São Paulo, né? (*ri*)

HU – O paulista é muito bairrista. Você é paulista?

CF – Não. (*risos*)

HU – Ele não ia aceitar. Você imagina o seguinte, quando eu estava fazendo esse trabalho junto ao SESP, né, que nós demos um curso aqui para os coordenadores de Odontologia no SESP em cada estado, aí mandaram de São Paulo, não o coordenador de lá de Odontologia, mandaram um cara que era ligado à Educação e Saúde. Era um dentista que fazia um trabalho de Educação e Saúde e aí mandaram pra cá. Porque não estava valorizando essa história, né? Bom, aí nós terminamos o curso, preparamos um manual de normas técnicas do SESP e distribuímos para os estados avaliarem, quer dizer, cada direção regional avaliar e dar um parecer. Aí todos apoiaram, etc. São Paulo devolveu o manual com mais de vinte observações, não é? Metendo o pau. Aí quando... isso lá no SESP, não tinha nada com a ENSP, aí a diretora que era diretora lá de um setor, me chamou: “Ah, tá vendo o paulista como é? Em vez de apoiar tá metendo o pau, etc. Vamos deixar de lado, vamos deixar São Paulo de lado e vamos trabalhar com o resto do Brasil!” Aí eu digo: “Não, eu acho que não é uma boa política, porque São Paulo, queiramos ou não, é uma potência, né? Quer dizer, e o SESP tinha também uma projeção, quer dizer, uma clínica, muito grande, quer dizer, muitas... né? Então, ao contrário, a gente tem que buscar conquistar São Paulo. Promova uma reunião lá na minha ida. Eu vou a São Paulo conversar com esse camarada.” Aí ela...

VB – Aí o senhor foi lá.

HU – Aí eu fui lá. Quando eu cheguei lá, quer dizer, eu já tinha uma experiência de planejamento, avaliação, etc., né? Aí eu digo: “Olha, ...” Me apresentei, ele me recebeu muito bem, né, e ele disse: “Olha, eu pensei antes de fazer a reunião...” ele, né? “...nós viajarmos para você conhecer o serviço aqui de São Paulo, né, conhecer aqui na capital e no interior.” “Perfeitamente, vamos embora!” Quer dizer, aí era aquilo que eu estava querendo, porque durante a viagem eu comecei a conversar com ele. Aí comecei a fazer perguntas, né, sobre planejamento. Não sabia nem o que era! Avaliação de um dos programas... E índice disso, índice daquilo e tal... Aí o camarada ficou meio embatucado, né, não respondia nada. Ele só mostrava a parte clínica. Quer dizer, os consultórios funcionando, né, aí curso de pessoal auxiliar meteram o pau, né, da higienista, né? Aí quando nós retornamos, ele já tinha dado a mão à palmatória, entendeu? A reunião não durou nem um dia.

VB – Mas a crítica da... que o senhor falou, da higienista... (*falam juntos*)

HU – Não... a crítica em cima do manual era em quase tudo, entendeu? Quer dizer, falar a minha avaliação (??)... Eu não lembro mais detalhes porque já tem vinte anos, sei lá e tal. Mas pra mostrar...

CF – Na realidade é porque eles não tinham, né, não tinham esse tipo de...

HU – Não tinha essa idéia, essa noção, né? Aí o que é que aconteceu? Ele passou a ser meu amigo, começou a vir aqui ao Rio, começamos a trabalhar, começamos a modificar também o serviço de lá, etc.

CF – Reconheceu, né, ele reconheceu a importância, né? (??)

HU – Exatamente.

VB – E quem era ele?

HU – Era (*Caxeiro?*) o nome dele, agora, o nome... (*VB fala algo*) É. O nome dele era Caxeiro, né? Mas isso é a parte da...

CF – Pronto, Verônica, pode continuar...

VB – Nessa sua trajetória...

CF – Já, pode ir.

VB – É o seguinte, nessa sua trajetória na ENSP, o senhor... quais os marcos. As coisas mais importantes que o senhor acha que ocorreram na escola.

HU – O Curso Básico Descentralizado de Saúde Pública. Eu acho que foi o marco da Escola, quer dizer, lógico que foi o curso de mestrado, né, pela importância do curso em si, etc., né? E depois essa experiência na descentralização do curso de Saúde Pública. Porque isso eu acho, acho não, projetou a escola em termos nacionais. A Escola hoje é conhecida em todo o Brasil por isso. Não existe, com exceção de São Paulo, nenhum estado que não tenha realizado... Não, existe, parece, Roraima, se não me engano. Mas de qualquer maneira, se não realizou o curso, nós estivemos lá. Quer dizer, nós estivemos em todos os estados da Federação, menos Tocantins porque não existia ainda na época, né? Como, por exemplo, existia um curso... em Manaus e a gente fazia... – terminou a fita?

CF – Tá acabando. Pode falar

HU – Não, agora e a gente... esse curso de Manaus atendia àquela região...

CF – Ah, não era só pra Manaus.

HU – Não era só pra Manaus. Então a gente... eu saía daqui e encontrava com... (*interrupção da fita*)

Fita 4 - Lado A

CF – Pode continuar, dr. Hélio. Então o senhor viajava... a SUDAM dava um apoio...

HU – É, o curso sempre tinha uma abrangência... pelos estados circunvizinhos, né? Por exemplo: Amazonas, né, o curso de Manaus, a gente visitava Acre, Rondônia, Roraima, pra fazer a seleção dos alunos. Ao invés de os alunos virem a Manaus, os candidatos em vez de serem selecionados em Manaus, nós íamos em cada Secretaria de Saúde...

CF – Nós quem, dr. Hélio? O senhor mais quem?

HU – No caso eu e esse rapaz da SUDAM, né? E o coordenador do curso de Manaus. Geralmente ia eu e o coordenador do curso, né? Então nós íamos no local e nessa ocasião a gente já... a escola estava presente, né? Mesmo não havendo curso naquele ano, por exemplo, no Acre, nós estávamos lá de alguma maneira fazendo aqueles trabalhos, né?

CF – É. Isso também é importante porque permite conhecer as diferenças regionais, né, as condições, né?

HU – É, principalmente nessa região do Amazonas porque aquilo é um negócio impressionante, né? Quer dizer, existem coisas ali que você não acredita, né? Você tem o rio Amazonas, os afluentes da margem direita recebem água numa determinada época do ano diferente dos afluentes da margem esquerda. Quer dizer, pra contrabalançar, entendeu? Quer dizer, o rio Amazonas, os afluentes da margem direita quando enchem não é na mesma época que os afluentes da margem esquerda. Quer dizer, aí isso disse um rapaz lá do, da SUDAM que é daquela região, me contou isso... (*falam juntos*) (??) “Então eu vou te mostrar”. Aí nós estávamos no rio Madeira em Porto Velho, né, aí estava cheio... Aí no dia seguinte nós fomos pra Rio Branco, né, Rio Branco no... em Roraima, né, e lá o rio seco. Quer dizer, um da margem esquerda e outro da margem direita, né? Só dando um exemplo porque as coisas são diferentes, tremendamente diferentes lá daquela região, né?

VB – Enquanto o senhor esteve na Escola o senhor era sempre coordenador dos cursos (???)?

HU – Não, eu saí foi em 70... em 85. Eu deixei a coordenação dos cursos, entendeu? Mas continuei na Escola.

VB – Quem substituiu o senhor?

HU – Sabe que eu não lembro mais. Eu sei que eu lembro que eu senti no ar alguma coisa, alguém querendo tomar o meu lugar. Quer dizer, eu senti isso realmente, né?

VB – Percebeu, né?

HU – Eu percebi a movimentação com essas mudanças de direção e coisa e tal, né, chegou num determinado momento...

VB – Quem era? Foi em 85...

HU – 85 o diretor... – deixa eu ver quem era aqui... – eu acho que era o... Frederico Simões Barbosa, não. Luis Fernando, 78...

CF – Não, já é o Frederico. 85 era o Frederico.

HU – Frederico Simões Barbosa, é. Exatamente. Quer dizer, então eu senti que realmente estava alguém de olho grande na coordenação pensando que era coisa boa, né, coisa fácil. Aí eu estava com nove anos também, né? Aí digo: “Ah, chegou a hora de eu passar essa história...” Foi um professor. Eu não me lembro o nome dele no momento, né? Parece que depois a Inês ficou uma temporada, a professora Inês. Mas não foi ela quem me substituiu...

CF – Inês de quê? Não conheço.

HU – Inês de... Inês...

CF – De Planejamento também?

HU – Era, da administração. Mas eu aí cheguei junto ao diretor e entreguei o cargo e ele prontamente aceitou. Quer dizer, porque se não tivesse interesse: “Não, você continua...!” Mas ele nem ponderou! Na mesma hora que eu cheguei lá e falei, ele simplesmente aceitou. Aí eu vi que estava na hora e eu sair, né? Agora, nem sei como é que continuou depois dessa época, né?

VB – E deixando a coordenação o senhor continua dando aula, não é isso?

HU – Deixando a coordenação eu continuei dando aula, agora, eu estava começando também a me dedicar à UERJ, né?

CF – Mas o senhor sai da Escola em 85, né?

VB – Não, ele deixa...

CF – Só sai da coordenação...

HU – Só saio da coordenação.

CF – Mas continua na ENSP.

HU – Continuo na ENSP. Eu acho que eu saí da ENSP foi... não sei se foi em 89, por aí assim, né, que eu pedi aposentadoria. Porque havia, na época, você podia pedir aposentadoria proporcional. Não é? Não houve uma época que o governo...?

VB – Eu acho que até hoje.

HU – Ainda, né?

VB – Então o senhor deixando essa coordenação dos cursos, o senhor pôde permanecer na ENSP dando aula.

HU – Dando aula, quer dizer, continuei...

VB – Mas o curso de...

HU – Odontologia...

VB – ...ainda existia em 85?

HU – Não... existia... Eu não sei se... você tem que uma busca aí porque o (?), aquele eu mostrei na fotografia, ele também coordenou algumas vezes esse curso de Odontologia Social. Entendeu? Quer dizer, que na minha ausência ele ficava coordenando essa... Deixa eu ver uma coisa aqui.

VB – E o senhor dava aulas nessas disciplinas ligadas a essa...

HU – ...à Odontologia... é. Administração de Serviços Odontológicos. Epidemiologia... era essa a área que eu atuava. ...

VB – E o senhor então pediu a sua aposentadoria e foi pra...

HU – Fui pra... porque eu fiz concurso pra titular da UERJ, né? Eu era titular da disciplina de Odontologia Social. Aí quando passei, tive que pedir demissão da Escola, aposentadoria, né, porque não podia acumular, né?

VB – E isso foi quando, em que ano o senhor foi pra UERJ?

HU – Não, eu já estava na UERJ porque eu estava acumulando, né?

CF – Só não estava como professor titular.

HU – Estava como professor adjunto.

CF – Como professor titular não podia acumular, né?

HU – É. Não, até pelo seguinte: eu estava como professor adjunto, né, aí eu fiz um concurso, ficava com um regime de vinte horas na UERJ, né? Quando eu fiz o concurso me chamaram lá no Departamento Pessoal da UERJ, né, e me disseram: “Olha, você agora vai ser nomeado professor titular. Você tem duas hipóteses pra continuar aqui: ou você acumula adjunta e

acumular com professor titular ou então você pede demissão de adjunto e vai ser nomeado professor titular.” Aí eu falei: “Não, mas eu tenho uma matrícula na Fundação Oswaldo Cruz.” Eu não podia ficar com três matrículas, né? Porque o professor pode acumular, né? Aí então você tem que se desvincular de uma dessas matrículas, né? Aí eu resolvi sair da ENSP através da aposentadoria, porque eu podia pedir aposentadoria, né, e ficar como professor adjunto acumulando com professor titular. Por isso que eu pedi aposentadoria lá.

VB – E o senhor pede aposentadoria em que ano?

HU – Ah, se não me engano acho que foi em 1980... Você quer ver? Deixa eu dar uma pesquisada aqui.

CF – 89, 90. Não é isso?

HU – Eu acho que foi por aí, 89, 90 também. Depois eu vejo aí com...

CF – Deixa eu lhe perguntar mais uma coisa, dr. Hélio, esse tempo que o senhor esteve na ENSP, tanto dando aula ou à frente dos cursos descentralizados, como é que era a relação entre os departamentos da ENSP? Havia uma integração pra... com relação à programa de cursos, avaliação de cursos? Havia uma interlocução constante ou essa troca era mais de pessoa à pessoa...

HU – Não, havia inclusive a questão da avaliação dos cursos, né, seminário, né?

CF – Mas aí era uma pessoa representante de cada departamento ou os departamentos como um todo se envolviam nesse processo?

HU – Não. Geralmente porque você tinha as disciplinas, né? Então os responsáveis por essas disciplinas se reuniam.

CF – Hum, hum. E isso mudava de um ano pra o outro.

HU – É... e agora o... ..

CF – Os responsáveis pelo (??) continuavam sempre os mesmos.

HU – É. Só quando a pessoa se afastava por algum motivo, etc., vinha outra, ficava no lugar, né? Por algum motivo. Mas o responsável por disciplina era um negócio fixo, mais ou menos fixo, né? Quer dizer, eu fiquei muito tempo como responsável pela disciplina de Odontologia Social embora fazendo outras coisas, né? Quer dizer, participando em comissões de exame de admissão, concurso pra titular... quer dizer, banca examinadora pra...

CF – Mas aí, por exemplo, não tinha outros dentistas trabalhando também ou o senhor era o único?

HU – Bom, tinha o (?).

CF – O (?). E o senhor continuou assumindo a direção dos cursos descentralizados não tinha...?

HU – Aí o (?) estava...

CF – Assumia a disciplina.

HU – Assumia a disciplina.

CF – Tá. Isso é que eu estava querendo saber.

HU – E uma outra dentista, mas era da unidade. Unidade de Saúde lá embaixo. Era na parte clínica, ainda não tinha a parte de...

CF – Deixa eu lhe perguntar outra coisa. Atividades de pesquisa, havia na época que o senhor estudou na ENSP no departamento, o senhor teve oportunidade de desenvolver algum tipo de pesquisa sobre algum tema ou o senhor ficou completamente absorvido...?

HU – Nós tentamos desenvolver um trabalho de pesquisa naquela comunidade que tem ao lado da ENSP, né? Bem ao lado mesmo, né, do outro lado do rio. Desenvolver a parte do Departamento de... ..

CF – Saneamento?

HU – Não, Saneamento não. De departamento...

VB – De Epidemiologia?

HU – Não. (?). Fez lá um trabalho maravilhoso, né, no departamento da Acássia, aquele ali de...

CF – Ah, de Ciências Sociais!

HU – Ciências Sociais. Eles fizeram um trabalho, não sei se vocês tiveram conhecimento, se souberam, né, na área de teatro, né?

CF – Em que época foi isso, o senhor se lembra?

HU – Foi na época da Revolução, em 1965, 66, por aí assim, né? Foi aquele Mendonça, um professor, primeiro foi lá pra Escola, que era diretor de teatro, né, Luis Mendonça, ele foi pra lá e montaram todo um projeto de teatro lá na...

CF – Na comunidade.

HU – ...na comunidade.

CF – Ah, que interessante! Nunca ouvi falar desse trabalho.

HU – Pois é. E a Lenita pode te dar muitas informações a esse respeito porque ela estava lá no departamento e acompanhou isso aí, né? Esse trabalho foi feito, inclusive na época, veio gente de Brasília, da repressão, queria até envolver professores pra negócio de prender professores por causa dessa história do teatro, né? Mas foi um trabalho muito gratificante para a turma lá do Departamento de Ciências Sociais, né, e que teve assim uma movimentação e, inclusive, eles fizeram representações aqui fora, né? A turma lá da favela, preparada, etc., né, levaram aquela peça, se não me engano “Severina não sei quê...”

VB – “Morte e Vida...” do...

HU – “Morte e Vida...”

CF – João Cabral, né?

VB – João Cabral de Melo Neto...

HU – É. Porque o Luis Mendonça, ele é de uma família lá de Pernambuco onde tem essa Nova Jerusalém. Pois é, a família dele é dali daquela área, ele inclusive participou da instalação daquele negócio lá de Pernambuco, né, montar aquele teatro ao ar-livre, né, que eu acho que é o maior do mundo atualmente. (*ri*) Depois ele veio aqui pra o Rio, diretor de teatro, etc., e terminou lá na Escola, foi levado pra lá e fez um trabalho magnífico. Trabalhou muitos anos lá, o Luis Mendonça. E nós então fizemos também, nessa mesma comunidade, um projeto de assistência odontológica, né? Quer dizer, atendido pela Unidade Sanitária. Quer dizer, ...

CF – Foi na unidade da ENSP, aquele serviço...?

HU – Aquela unidade Sinval Faria. Gervano Sinval Faria, né? E esse projeto era pra que a Escola prestava só extração, remoção de foco, né? Principalmente gestante. E esse projeto previa, além da remoção de foco, fazer restaurações, né, e alguma prótese pequena e etc. e o paciente apenas o material que era gasto, né? Aí foi um projetozinho que nós fizemos e etc., mas depois a coisa... sabe como é que é, eu saí porque eu tive que, uma ocasião afastado da Escola no tempo do Eduardo Costa como secretário de Saúde. Não sei se vocês lembram...

CF – Eu lembro, lembro.

HU – Naquela época o Eduardo me convidou pra coordenar o trabalho de odontologia do estado, né? Aí eu me afastei, fui pra lá na Secretaria Estadual da Saúde, terminei dirigindo o Departamento Geral de... departamento Geral de... Saúde Pública, se não me engano, da Secretaria Estadual.

CF – Do estado de São Paulo.

HU – Departamento Geral de Saúde Pública, né? Aí, nessa ocasião, quer dizer, eu me afastei, etc., aí as coisas...

CF – O projeto não continuou.

HU – Não, aí começa a falhar, quer dizer, o pessoal (??), né? Aliás, eu tenho uma grande desilusão porque na realidade essa experiência do SESP no Brasil, na área de Odontologia que foi uma coisa maravilhosa, né, porque basicamente a odontologia, a prioridade era resolver o problema cárie, né, a alta prevalência de cárie no país inteiro e tal. Então o programa era dirigido a escolares, né, crianças de seis a quatorze anos. Por quê? Porque o escolar é uma clientela cativa. Todos os anos você vai lá, vai se matricular, você...

CF – Pode acompanhar, né?

HU – Você pode acompanhar com certa facilidade, né? E aí você diz: “Por que é que tem de ser uma população cativa?” Porque você além de tratar o dente clinicamente, etc., você tem que dar uma prevenção, quer dizer, fazer uma parte preventiva. E a parte preventiva você tem ou através da fluoretação da água, via sistêmica, ou então através da aplicação tópica. A via sistêmica é difícil porque você tinha que colocar flúor na água e tinha cidades que nem tinham água canalizada, né, no caso da SESP que a gente trabalhava. E... aplicação tópica você tinha que repetir aos 7, 10 e 13 anos, né? Eram as idades importantes pra você fazer esse tipo de trabalho, né? Aí o trabalho era feito junto às crianças, né? Que pegavam a criança de 6 anos, ela estava, por exemplo, com alguns dentes permanentes, quer dizer, molar de 6 anos, incisivos, etc., e daí pra frente iam aparecendo outros dentes permanentes na arcada da criança. E à medida que esses dentes iam aparecendo você já entrava com a prevenção. Então quando ela estava com 14 anos, a incidência de cárie naquele grupo era muito menor do que naquele grupo que não recebia nenhum tratamento. Era 60 a 70% a menos.

VB – E a sua desilusão é por conta desse trabalho não ter se consolidado, é isso?

HU – Exatamente. Quer dizer, hoje você raramente no Brasil vê isso. Até aqui no Rio de Janeiro que a gente fez um trabalho, inclusive até o (?), ele inicialmente eu o conheci ele era o coordenador de Odontologia da Secretaria de Educação. Depois passou pra Secretaria de Saúde, esse tipo de trabalho. E a gente dava muita assistência a essa parte de odontologia. E a turma mais ou menos seguia, depois é que ele se afastou. Quer dizer, hoje você chega o programa de odontologia é outro, né? Não...

CF – Não tem essa preocupação da prevenção, né?

HU – Não tem, exato.

VB – Na própria ENSP não existe!

HU – Não existe, acabou a odontologia na ENSP! Não existe mais. Então...

VB – Como se fosse um problema resolvido.

HU – E não é só na Odontologia, mas toda essa proposta de trabalho na Fundação SESP na área de saúde, que era um negócio impressionante, né, quer dizer, porque na realidade era o sacerdócio. O funcionário do SESP quando ingressava passava por aquele treinamento e naquele treinamento já se identificava se ele era responsável ou não. Quem não fosse responsável era logo, não era admitido. Então você já tinha uma seleção, né? E aí o camarada começava a trabalhar, quer dizer, o profissional. Isso em toda área, área de medicina, enfermagem, engenharia, quer dizer, a gente via que o pessoal vestia a camisa do projeto, do programa e etc., né? Em qualquer lugar que você chegar, eu me lembro que em Maranguape no Ceará – Maranguape é uma cidade que fica a vinte minutos de Fortaleza, né?

VB – Não é a terra do Chico Anísio?

HU – Chico Anísio. *(risos)* Então tinha uma médica, ela era daqui do sul e foi pra lá trabalhar em Maranguape e ela morava em Fortaleza. Eu me lembro que uma vez eu estava em Maranguape, falando dessas coisas lá do SESP e tal, aí alguém disse assim: “Realmente, vocês...” *(falam ao fundo) (pausa na gravação)*

CF – Termina a história. Pode continuar.

HU – Então a médica, Abgail, morava em Fortaleza e trabalhava em Maranguape. Então numa reunião lá em Maranguape, chegou alguém e disse: “Não, eu acerto o meu relógio com a passagem da dra. Abgail por aqui.” *(risos)* Porque todo dia a mesma hora ela estava lá passando pra chegar lá na unidade de Saúde, né?

CF – Do SESP.

HU – Do SESP, né? Agora, então a minha desilusão foi exatamente isso, é que aquilo tudo que foi feito na área de odontologia, de medicina, de enfermagem e tal, a gente não vê mais. Aí está vendo o Serviço de Saúde falido. Está falido! Em toda a parte, não é só aqui.

VB – É um retrocesso, né?

HU – Um retrocesso muito grande! E, quer dizer, ...

CF – E por que é que o senhor acha que isso foi acontecendo?

HU – Não, isso eu acho que aconteceu primeiro pelo seguinte: aquela política de acabar com o SESP, né? Quer dizer, não sei se está certo ou errado, mas o Ministério acabar, mas ele acabou! Porque começou a transformar quando chegou num ponto que, quer dizer, Fundação Nacional de saúde não é mais SESP, né?!

CF – Não.

HU – Você pra ser, chegar a ser superintendente da Fundação era preciso ter uma história de vida dentro na Saúde Pública e dentro da Fundação SESP. O primeiro presidente da Fundação

que não foi lá de dentro foi o Aldo Villas Boas, que você o conheceu e era uma história de vida dentro da saúde Pública. Quer dizer, tinha condições, tinha méritos, né? Acho que foi o primeiro a chegar na presidência sem ser da própria Fundação. Quer dizer, então tinha que ter um... uma caminhada lá dentro, né? Aí, quer dizer, uma outra coisa: Sistema Único de Saúde. Eu acho que era uma proposta excelente! Um Sistema Único de Saúde. Porque, por exemplo, quando você vai, ia no interior, aí encontrava uma Unidade Sanitária Federal ao lado de uma Estadual e outra Municipal. Quer dizer, num municípiozinho lá no interior, né?

CF – Sem relação uma com a outra, né?

HU – Sem... Quer dizer, havia a pulverização de recursos, né? Então o Sistema Único de Saúde dá ao município a responsabilidade das ações a nível municipal, né? Agora, é lógico que, o que foi que aconteceu? Aconteceu a (?) que está aí, o dinheiro veio, quando chegava num mês, chega lá... não é? Quer dizer, então a gente vê...

VB – Os municípios desviam.

HU – Desviam recursos e tem história muito interessante, né, de um jornalista, que isso pode até desligar que é uma história que não tem nada que ver com...

CF – O senhor quer que desligue? (ri)

HU – É. *(longa pausa na gravação)*

*A fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 25 minutos do Lado A)